



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**RANGEL ORSATTO SPAGNOL**

**CACHAÇA NA MESA E MULHERES NOS QUARTOS: UMA CARTOGRAFIA DA  
PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CHAPECÓ NAS DÉCADAS DE 1970 A 1980**

**CHAPECÓ  
2016**

**RANGEL ORSATTO SPAGNOL**

**CACHAÇA NA MESA E MULHERES NOS QUARTOS:  
UMA CARTOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CHAPECÓ NAS  
DÉCADAS DE 1970 A 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de licenciado em história.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

**Chapecó**

**2016**

## DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Spagnol, Rangel Orsatto

Cachaça na mesa e mulheres nos quartos: Uma cartografia da prostituição feminina em Chapecó nas décadas de 1970 a 1980/ Rangel Orsatto Spagnol. -- 2016. 56 f.:il.

Orientador: Ricardo Machado.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História , Chapecó, SC, 2016.

1. Prostituição. 2. Relações de poder. 3. Cidade. I. Machado, Ricardo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

RANGEL ORSATTO SPAGNOL

**CACHAÇA NA MESA E MULHERES NOS QUARTOS:  
UMA CARTOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CHAPECÓ NAS  
DÉCADAS DE 1960 A 1980**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

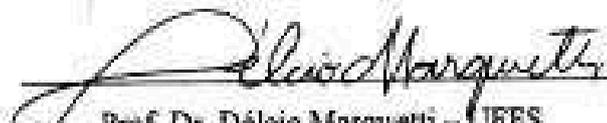
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 06/07/2016

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Ricardo Machado – UFFS



---

Prof. Dr. Délcio Marquetti – UFFS



---

Prof. Msc. Francimar Ilha da Silva Petrolí – UFFS

## RESUMO

Pretendemos com este trabalho de conclusão de curso, estudar as relações de poder nos espaços de prática de prostituição na cidade de Chapecó durante as décadas de 1970 e 1980, período ao qual a cidade sofreu uma grande expansão populacional e urbana e quando se desencadearam várias estratégias de controle sobre os espaços de prostituição. Para isso, analisamos documentos como inquéritos policiais, jornais de circulação municipal e regional encontrados nos acervos do CEOM (Centro de Memória do Oeste). Através destes documentos problematizamos a dinâmica do afastamento dos locais de prostituição, observando os discursos policiais, sanitário e moral e as diferentes estratégias de resistência pelas próprias prostitutas, clientes e donos de estabelecimentos. Com esta pesquisa, nossa intenção é encontrar a historicidade destas regulamentações e as implicações na formação do espaço urbano de Chapecó.

Palavras chave: Prostituição. Relações de Poder. Cidade. Chapecó.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1. AS CURVAS DO CORPO DE CHAPECÓ .....</b>	<b>14</b>
1.1 A IMPACIÊNCIA DE UMA CIDADE: DEFININDO OS ESPAÇOS.....	16
1.2 POBRE, IMORAL E DA VIDA? .....	20
<b>2 DEITAR-SE NA REDE .....</b>	<b>29</b>
2.1 ANOITECE NO CENTRO, MAS NO BAIRRO CÉU AZUL... ..	30
2.2 A FAMÍLIA.....	36
2.3 UMA OUTRA MOBILIDADE URBANA.....	37
2.4 O OLHAR PELA FECHADURA .....	39
2.5. O CLIENTE: A BOMBA PULSANTE DE COMBUSTÍVEL.....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

“O Meretrício já mudou” é a manchete de uma notícia presente no jornal *Folha D’Oeste* no ano de 1973, anunciando com um misto de satisfação e alívio que a zona de prostituição da cidade de Chapecó havia mudado de lugar.

Ainda na manhã de sábado, recebíamos na redação deste Jornal, a visita do Delegado Hermínio Pereira, acompanhado do Comissário Ponoé Scheffer, que traziam-nos a informação[...]de que a zona de meretrício já deixou o antigo endereço, transferindo-se para o novo local, bem distante da cidade, chamado ‘Céu Azul’ com acesso pela estrada velha que conduzia a Xaxim.

A convite do delegado, a reportagem esteve no local onde se localizava a vila do meretrício, agora transformada em bairro residencial de diversas famílias, como tivemos ocasião de presenciar.

Salientou o Delegado que ainda existem locais que funcionam clandestinamente em outros pontos da cidade mas a policia espera consolidar essa primeira tarefa de transferir a ‘zona de meretrício’, para em seguida atacar e erradicar esses outros focos.(Folha D’Oeste, 8 de Setembro, 1973. Ed.442)

Essa notícia já em sua conotação, demonstra um pouco do caráter excludente do meio urbano chapecoense, tanto que se for lida com desatenção poderia ser confundida com uma notícia sobre eliminar focos de doenças. Não muito diferente de outros centros urbanos que passaram pelo mesmo processo de expansão, apenas algumas décadas antes. A tendência do meio urbano em processo de crescimento é afastar de sua região urbana, sujeitos considerados indesejados para locais bem distantes da cidade.

Segundo Rachel Soihet:

Desde fins do século XIX, observa-se o empenho em expulsar as prostitutas das áreas centrais da cidade, atendendo às prescrições da “higiene” e, em última instância, aos interesses da burguesia ascendente que buscava garantir tal espaço para o seu convívio exclusivo. (SOIHET. 1989, p.208)

Não só no passado, mas já se tem narrado, que na trajetória do crescimento das cidades acompanha o processo de da transferência das áreas de prostituição para as periferias, que se distanciam constantemente dos centros. As soluções propostas para a questão da prostituição sempre foram as mais diversas: ruas dedicadas à atividade, casas com autorização, as regiões denominadas “zonas” (PEDRO, 2010 p.12-13).

Estamos falando de um momento entre as décadas de 1970 e 1980, período em que Chapecó está em um processo de rápida expansão, a população vivendo no meio urbano neste período quase triplica, segundo Camila Fujita (2013. p.319) “entre as décadas de 1970 e 1980, e associado ao crescimento e à consolidação dos frigoríficos, houve também o considerável

crescimento populacional de Chapecó, de 49.865 habitantes para 83.765 habitantes, respectivamente, sendo que a população urbana nesse período quase triplicou”.

Neste momento de transformação, o processo de inversão populacional está em andamento e as linhas divisórias dos “territórios dos desejos” está em movimento. É neste momento que podemos perceber a preocupação com estes espaços existentes em Chapecó, e o que é considerado aceitável ou não para a vida no meio urbano.

O considerado aceitável para a vida na cidade em Chapecó, surge principalmente de uma ideia de modernidade que se tem na região na primeira metade do século XX, mais especificamente em 1920, período em que a cidade se estabelece como sede devido a ação da Empresa Colonizadora Bertaso, Maia e Cia. na região assim definindo sua centralidade de maneira definitiva. A empresa se estabelece já com uma projeção do que poderia ser a futura cidade de Chapecó (VITÓRIA, 2011. p.56) já que tem a autonomia para vender e doar terras.

Esta ideia de modernidade voltada a cidade de Chapecó se consolida com o Estado Novo. Segundo Francimar da Silva Petrolí (2008. p.56) é com o advento do Estado Novo e o compromisso assumido por Getúlio Vargas com a nacionalização e modernização do País que compreende-se então ser este o momento político propício para a concretização do “sonho” (‘desejo’) de cidade e de modernidade.

Este discurso modernista (que também envolve noções de disciplina e trabalho) de Vargas retumba nos corações e mentes das camadas que desejam e idealizam um desenho de cidade. Desenho que é expressado em ações sobre o espaço de forma a romper com um passado vazio e um presente marcado pelo atraso, para então desbravar um caminho em direção à modernidade (PETROLI, 2008, p.13,32,38,120), já que para estes, a modernidade seria consolidada através dos investimentos do poder público no Oeste (PETROLI, 2008. p.119).

No entanto, uma cidade moderna é formada também pelos seus habitantes, e a cidade de Chapecó ainda sendo um desenho, também foram desenhados nesta fotografia de uma futura cidade moderna os seus habitantes. Idealizados como descendentes de europeus, principalmente migrantes provenientes do Rio Grande do Sul, ou seja, uma cidade brasileira com um traçado europeu para cidadãos brasileiros com traços europeus, visto que a partir de 1920, maioria das terras foram vendidas aos migrantes de descendentes europeus oriundos das colônias gaúcha (FUJITA. 2013 p. 317).

Para concretizar este projeto, não bastava para esta população apenas estar dentro do grupo demográfico pretendido. Os habitantes da *cidade do futuro* precisavam ser educados<sup>1</sup>, guiados por regras e condições morais e sanitárias dignas de uma cidade urbanizada.

Na medida em que a casa “imunda e insalubre” do pobre é apresentada como a origem da doença, da degradação moral e da ameaça política, eliminam-se os obstáculos ideológicos que se poderiam antepor ao desalojamento dos trabalhadores dos cortiços e favelas. Todo um discurso racionalizador procura justificar a interferência planejada da burguesia nos mínimos detalhes da vida cotidiana do trabalhador, instaurando uma disciplina que designa novos modos de higiene pessoal e de vida (RAGO, 2014. p.230)

Ou seja, durante estas décadas, seguindo esta lógica, as camadas detentoras do poder e dos meios necessários para tal, para além da responsabilidade do desenvolvimento econômico e urbano da cidade de Chapecó, assumem a missão de educar e moldar os habitantes da região para a vindoura cidade. Para isso utilizam-se da imprensa, educando não só a nível moral<sup>2</sup>, mas também higiênico, regulamentando as moradias dos habitantes da principalmente da área urbana central, e tendo uma preocupação especial com o saneamento<sup>3</sup>.

Para isso “O colonizador, principalmente através da imprensa escrita, falava da ‘cidade do futuro’, da cidade que deveria ser construída a partir das preocupações com o “presente” (PETROLI, 2008. p.121). Com a pretensão de tornar a cidade em um centro econômico moderno, a cidade é construída nos padrões modernos, tanto higiênicos, sanitários, como reguladores do espaço urbano. É possível notar que desde o primeiro desenho da cidade, que apaga a vila de Passo dos Índios para transformar em um centro urbano planejado, delimitado e separado o espaço. Esse ideal persiste até os anos 1970/1980 que se revelam através da notícia sobre a mudança da zona do meretrício.

A mudança da zona do meretrício de Chapecó segue um histórico de exclusões de pessoas que não se encaixam na imagem de uma cidade que tem como foco o progresso, inicialmente foram os chamados *intrusos*, *expropriados* como eram chamados os indígenas e os caboclos que se encontravam na região quando chegaram as empresas colonizadoras (HASS; ALDANA; BADALOTTI. 2010. p. 63).

---

<sup>1</sup> Segundo Francimar da Silva Petrolí, era feito um esforço em Chapecó para educar moral de crianças e jovens. (PETROLI, p. 124)

<sup>2</sup> Envolvendo educação moral das crianças e jovens. PETROLI. p.124

<sup>3</sup> Esta “educação para a modernidade” ou regras de “etiqueta do mundo urbano” (que envolvem desde o local ideal para construir a “patente” até a pintura das casas) são feitas a partir do final da década de 1930 por Serafim Bertaso formado em Engenharia Civil e filho do coronel Ernesto Francisco Bertaso dono da Empresa Colonizadora Bertaso. (PETROLI p.121)

Nas décadas de 1940 e 1950 os intrusos continuam sendo vistos como um problema para o avanço da modernidade de Chapecó na visão do colonizador. Muitos destes intrusos perderam suas terras com a chegada da empresa colonizadora tornando-se então, sem opção, trabalhadores assalariados na cidade. As famílias eram atraídas para o perímetro urbano inicialmente pelas madeireiras e depois o deslocamento aumentou com a abertura de frigoríficos, que começam a aparecer a partir de 1950 (HASS; ALDANA; BADALOTTI. 2010. p. 63).

Na visão dos colonizadores, que detinham a propriedade das terras, os intrusos e expropriados ameaçavam a ordem que proporcionaria progresso para o lugar. Uma solução precisava ser encontrada (HASS; ALDANA;BADALOTI, 2010, p.63). As empresas colonizadoras então, sentindo seu projeto de modernidade ameaçado, resolvem usar como alternativa a criação de um loteamento popular.

Foi o loteamento São Roque, popularmente chamado de São Pedro. Criado no final da década de 1960, a cerca de três quilômetros ao leste do perímetro urbano. Este é o local onde seriam alocados os expropriados, as famílias teriam até cinco anos para pagar por um terreno de 150 m<sup>2</sup>, quem não pagava era despejado e deslocado para a Linha Baronesa da Limeira, ainda mais distante da cidade (HASS; ALDANA;BADALOTI, 2010, p.64).

A criação de espaços distintos, afastados da cidade para abrigar os indesejados em uma tentativa de evitar que circulem no centro e estraguem a imagem de aparente desenvolvimento e modernidade, enquanto a cidade cresce, não é uma novidade para Chapecó. Ficando então claro que a cidade enquanto se movimenta e se adapta a esse novo período de crescimento (sob o qual não tem controle nenhum) afeta diretamente os territórios antes designados para a prostituição. Este processo que também acontece em outras cidades quando passam por períodos de crescimento e reformas urbanas como São Paulo e Rio de Janeiro. Como explica Margareth Rago “Evidentemente, a expansão capitalista alterava diretamente a localização dos espaços marginais, empurrando-os para a periferia da cidade, embora sem nenhum planejamento mais regular, como ocorrerá na década de 1940. Nessa ocasião, os amores venais foram confinados no bairro bom retiro [...]” (RAGO, 2008, p.101).

Diversos autores discorrem sobre a prostituição em suas produções. Margareth Rago e Marlene de Fáveri também se debruçam sobre o tema, com produções que buscam identificar em meio a estas práticas relações de gênero, como funciona a rede de relações, quais as especificidades e os códigos urbanos das práticas prostitucionais, também identificando a influência do discurso médico sanitário e policial sobre estas práticas. Rago trabalha com o

período de expansão urbana das metrópoles brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, nas décadas finais do século XIX e início do XX, conhecido como a *Belle époque* brasileira. Em seus trabalhos deixa claro a importância que teve o discurso médico-policial nas reformas urbanas destas cidades para o afastamento das camadas populares do centro da cidade.

Estas práticas estão diretamente ligadas a expansão do meio urbano e a adoção de uma visão de “cidade moderna”, Rago nos descreve estes elementos em uma São Paulo em rápido crescimento urbano, populacional e estrutural, que, embora em um nível completamente diferente do que acontece em Chapecó, as implicações da reconfiguração urbana são praticamente as mesmas. Não deixando de citar que os elementos “progresso” e “modernidade” são muito fortes também nestas reconfigurações.

Marlene de Fáveri, tratando da prostituição, tem uma abordagem voltada ao período contemporâneo, fazendo uma pesquisa atual pelos bares e *whiskerías* da cidade, focando-se no funcionamento da rede de relações que é formado pela prostituição no meio urbano, e as estratégias e práticas de comércio do corpo, e as transformações destas práticas como a prostituição diurna e as formas de divulgar (fazer propaganda) do mercado do sexo em Florianópolis.

Fáveri, que analisa como a prostituição funciona em Florianópolis no século XXI, onde também são possíveis encontrar paralelos com Chapecó mas ter uma ideia da capacidade de adaptação da prostituição conforme as necessidades, tanto devido a mudanças no espaço quanto a segurança.

Também temos apoio de outros autores, que entram no tema da prostituição em seus trabalhos de uma forma ou outra, mas não se trata de seu objeto de estudo, como Celso Kraemer e Rachel Soihet. No geral a prostituição é um tema que não gera apenas debates, mas, diversos artigos sobre o tema nas mais variadas produções acadêmicas, relacionando a prostituição com o espaço, com ideais de progresso e modernidade e como objeto de conflito entre diferentes visões de feministas.

Ao ler os trabalhos destes autores, fica clara a relação *lasciva* da prostituição com a cidade urbanizada, principalmente em períodos de maior expansão demográfica e reformas urbanas. Não negando, porém, a existência da prostituição em outros meios. Segundo Joana Maria Pedro (2010 p.12-13) A cidade permite uma dinâmica da prostituição, na qual esta pode se tornar a única fonte de renda na cidade, até por causa da clientela que cresce, permite a especialização a estas funções e é por isso que parecem inseparáveis:

O processo de modernização, de crescimento econômico, de explosão demográfica e de desterritorialização de das subjetividades, impulsionou o alargamento dos territórios do desejo. Esse era também espacial. Nas grandes áreas de concentração do capital financeiro [...] instalaram-se cafés, restaurantes e centros noturnos de diversão. Expandiram-se as formas de consumo do amor venal. (RAGO, 2008 p.95)

Mesmo que estes trabalhos falem de diferentes cidades, demograficamente maiores do que Chapecó e também de diferentes períodos tendo décadas de diferença, a prostituição é uma permanência nestes lugares. E principalmente, os mesmos problemas acontecem nessa tentativa de limpar o centro de pessoas indesejáveis.

Se já sabemos que o crescimento do espaço urbano em uma cidade influencia as zonas de prostituição e outros espaços de sociabilidade. Então quais são estas relações, como a prostituição se relaciona com a cidade em crescimento, existe relação com outras cidades, quais são as especificidades deste processo em Chapecó?

Para resolver este problema serão analisadas fontes judiciais e impressas do período. O trabalho com fontes judiciais pode trazer muitas possibilidades;

Os processos criminais são fundamentalmente fontes oficiais, produzidas pela Justiça, a partir de um evento específico: O crime e seu percurso nas instituições policiais e judiciárias. Por conta disso, é fundamental que os processos sejam tomados também como “mecanismos de controle social” marcados necessariamente pela linguagem jurídica e pela intermediação do escrivão. (GRINBERG, p.126)

Em nosso caso não se tratam de processos, mas sim inquéritos policiais, momento onde a polícia faz o recolhimento de dados, depoimentos e investiga se de fato ocorreu um crime, mas não por isso estes documentos tenham suas possibilidades reduzidas, comparando com processos judiciais de maior extensão, tratam-se de documentos importantes, mantendo informações como locais, nomes e diversas versões dos acontecimentos pelos mais diversos personagens.

O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único monumento que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós. (FOUCAULT, 1977. p.05)

No entanto, também devemos levar em conta que o principal objetivo da produção do inquérito não é reconstruir o acontecimento, mas “[...]buscar ou produzir uma verdade, acusando ou punindo alguém. Nessa perspectiva, todos os depoimentos seriam ‘ficções’, papéis desempenhados por personagens, cada qual procurando influenciar o desfecho da história” (GRINBERG, p.127).

Usaremos quatro inquéritos policiais e um auto de prisão em flagrante de períodos entre 1975 e 1986, nos direcionando a lugares, personagens, indicando algumas particularidades e costumes da polícia, dos donos dos estabelecimentos, das prostitutas e dos clientes, ou seja, pessoas que vivem e se relacionam na cidade.

Exemplos são documentos que contém narrativas dos clientes e de familiares das prostitutas, os depoimentos destes personagens prestados de maneira mais direta não são muito comuns, e acabam por nos contar detalhes e ralações que poderiam passar de maneira despercebida.

Os inquéritos foram encontrados nos arquivos do CEOM (Centro de Memória do Oeste). Nestes documentos estão registradas investigações de denúncias de lenocínio. O auto de prisão em flagrante por sua vez, registra um desacato, ocorrido em uma residência usada pelas prostitutas para se relacionar com os clientes.

Queremos deixar claro, no entanto, que através de apenas cinco inquéritos é difícil traçar um paralelo sobre a prostituição de uma cidade inteira, principalmente em um espaço de tempo de vinte anos. Porém mesmo com o quadro incompleto, é possível abordar parte importante destas práticas, que só aparecem nos relatos mais íntimos, aparecem de maneira sutil e revelam traços específicos destas práticas que não transpareceriam caso a rede de prostituição fosse observada de maneira mais geral e distanciada.

Para complementar o espaço deixado pelos inquéritos serão utilizados os jornais, os quais nos dão uma imagem macro e menos “oficial” desta questão. A exemplo de como aconteceu com transformações que ocorreram em algumas capitais do Brasil no início do século XX a imprensa foi um veículo de divulgação dos avanços da cidade e dos projetos de urbanização (LUCA, 2010. p.120).

Para fazer a análise das transformações nesta rede de relações temos como referência Michel Foucault, que em suas obras, discute o poder e as instituições repressivas e disciplinares. Analisaremos as fontes sob a ótica de que o que existe são relações de poder, “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988. p.71), o choque com o poder instituído é justamente o que permite perceber as mudanças nestas redes. Levando em conta também como a prostituição se inscreve também como uma economia em Chapecó, cidade que, no período, busca um ideal de limpeza e ordenamento reforçando estas políticas no meio urbano.

O primeiro capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso se trata de uma abordagem sobre os olhares dirigidos a prostituição, a visão da cidade sobre a prostituição, como é percebida e concebida pela imprensa, em como fica retratado nas páginas dos jornais políticas

com relação à moral e higiene na cidade. Não só isso, identificar a conjuntura política, social e ideológica do período, nos permite compreender as transformações e as políticas sobre s diferentes grupos sociais. Afinal, estas políticas influenciam como são feitas as políticas sobre espaços de convivência.

O segundo capítulo tem a função de mostrar mais de perto as relações de poder envolvendo diretamente a prostituição, quais são as relações entre sociedade, polícia, prostitutas e donos de estabelecimentos. Temos como objetivo também identificar a configuração dos espaços de prostituição, como funcionam e como se adaptam à nova condição de Chapecó, como uma cidade em constante movimento, com seus territórios em processo de mutação transforma os territórios do desejo.

## 1. AS CURVAS DO CORPO DE CHAPECÓ

No dia 10 de Dezembro de 1977, é publicado no jornal *Correio do Sul* (10 de dezembro de 1977), um texto que faz uma “análise” da cidade de Chapecó. A cidade das rosas como é chamada, é elogiada devido a agropecuária, a existência de indústrias, do comércio e das reformas nas ruas. Não é possível também deixar de citar Chapecó como um “recanto de paz e amor” representado pelos “hinos de fé vindos da catedral”, sendo Chapecó uma terra de “agradáveis surpresas, do clube dos ricos e das muitas festas”. Não poderia deixar de citar que Chapecó é de todos os descendentes de europeus, um exemplo de pioneirismo e um sólido abrigo de empreendimentos. Não se esquece das belas casas, as mansões majestosas e de imaginar os futuros arranha céus que preencheriam a paisagem da cidade.

Porém, por mais que Chapecó fosse carinhosamente chamada de cidade das rosas, este texto faz questão de lembrar que rosas também tem espinhos. Não fogem aos olhos os boias-frias, o índio massacrado, a miséria, a ignorância e a desnutrição, em claro contraponto com o crescimento. Não se deixam de ouvir na cidade, os gritos de dor e ódio das famílias desabrigadas e das farras no Céu Azul, questionavelmente a única possibilidade de vida noturna na cidade. Outros problemas são menores delinquentes, pedintes, os bêbados e os *toxicômanos*. Chapecó é sitiada por favelas, amontoado de barracos que fecha cerco à cidade.

Continuando em um jogo, mostrando por vez os lados positivos do crescimento de Chapecó e por vezes o negativo a notícia segue falando das lideranças chapecoenses, os jovens idealistas empolgados pelo senso de justiça, amor e paz, não deixando de elogiar a diocese, que atua de forma vibrante, sendo para o jornal um “[...]facho de saber, lume cristão no preparo de melhores gerações futuras”.

As pessoas de Chapecó não são apenas os moradores que trabalham, que ganham dinheiro de forma honesta, também existem vigaristas, ladrões, assaltantes, sequestradores e jovens iludidos pelo prazer fácil e por uma falsa felicidade de uma vida sem elegância e sem objetivos gerada pelo fato destes estarem vivendo sob as asas de pais abastados. Vale citar também os presidiários e o aborto, que é tratado com um horrendo crime de infanticídio. Não deixam escapar de suas críticas o crime moral da traição e demonstrando uma preocupação com as separações dos casais. Embora se reocupe com os marginais perigosos reconhece não ser uma escolha dos mesmos, mas sim uma

“[...]imposição de uma sociedade fria, calculista, esbanjadora de afetação, mas vazia de felicidade plena, de amor profundo”.

Não deixando nunca de desejar um futuro para a cidade. Se felicitam com os planos de construção do teatro e da casa da cultura, além de aclamar o estádio regional, os “clubes da gente fina” e os parques, agradáveis ambientes sociais, onde existem sorrisos, abraços, beijos e inclusive segredos de amor, claro que transmitidos segundo manda a tradição e o respeito. Chapecó também tem festivais artísticos, possui teatro um coral, além de contar com meio de comunicação, o rádio, a imprensa e um avanço visto com positivo espanto: a televisão. Estes meios de comunicação não esqueceriam de falar sobre a Chapecoense, o campeão catarinense de 1977.

Esta notícia que enxerga com alegria os cultos cristãos na catedral, não tem os mesmos olhos para outras religiões africanas ou populares, colocando no mesmo saco os pais-de-santo, a umbanda, ciganos, feiticeiros e “enviados de Deus”, relacionando estes com olhares e gestos estranhos e desvairados, e de gritos medonhos.

As riquezas chapecoenses teriam sido conquistadas através do trabalho suado dos pioneiros e heróis, que transformaram as antes inóspitas matas na cidade mais desenvolvida do oeste catarinense, agora um polo geoeconômico e cultural.

Toda esta imagem de uma cidade desenvolvida através do trabalho tem como contraponto problemas vindos do trabalho, onde as férteis e progressistas terras seriam regadas com as lágrimas e o sangue dos enganados que vendem suas terras a troco de quase nada, para trabalhar “cumprindo as ordens dos fortes, dos pouco fortes endeusados pelas vigarices praticadas no passado”.

Como um ato final, o texto nos oferece uma escolha, entre as *duas Chapecós*: “ESCOLHA: **Chapecó das mansões** ou das favelas?” (Jornal Correio do Sul, 10 de dezembro de 1977)

Através deste texto, que pode ser considerado a base do jornal *correio do sul*, a coluna vertebral da sua linha de discurso de modernidade, já que aborda todas as questões que o jornal trabalha em nível moral e higiênico. Não apenas mostra uma visão do progresso da cidade, um futuro a ser alcançado e um passado se ter orgulho, mas também os problemas que surgem na cidade com o seu rápido desenvolvimento e devem ser resolvidos.

Assumindo uma função civilizadora, educando a população e indicando os locais onde o progresso ainda não chegou ou custa a chegar, propagandeando o crescimento da

cidade, monumentos e locais turísticos enquanto denuncia imoralidades e injustiças. Esperando assim, conseguir ações do poder público.

Os jornais Chapecoenses pretendem educar para as questões morais, estéticas e sanitárias que compõe o morador da cidade moderna e urbana, atitudes desviantes são denunciadas e por vezes ridicularizadas, críticas duras são feitas às atitudes dos moradores, principalmente a respeito do círculo familiar.

No processo de exigir melhorias estruturais e serviços ao mesmo tempo que condena práticas imorais os jornais deixam claro que existem espaços dentro da cidade, onde certas atitudes são aceitas, mas que em outro espaço será reprovada e perseguida. Porém com o período de rápido crescimento, não é possível manter estes espaços claros e intocáveis, sendo as fronteiras transgredidas por todos os personagens desta rede de relações.

### 1.1 A IMPACIÊNCIA DE UMA CIDADE: DEFININDO OS ESPAÇOS

Alguns dos jornais tecem elogios para a cidade que cresce em velocidade estonteante e é (supostamente) estonteante em sua área central, porém em momento algum deixam de discorrer críticas as suas regiões mais íntimas, ou nas periferias do *umbigo* de Chapecó. São cientes dos resultados da explosão populacional sem precedentes que está tomando parte na década de 1970 para Chapecó. Sendo uma explosão, também traz consigo um nível de “desastre”, ao menos na visão do jornal. Falamos justamente de um momento onde acontece a inversão populacional.

Como ocorreu com o processo de urbanização brasileiro, foi nesse período que houve a inversão quanto ao local de moradia dos habitantes, da área rural para a urbana. Em 1970, 59% dos moradores estavam no campo, ao passo que em 1980, essa porcentagem baixou para 34% (FUJITA, 2013. p.319).

A capa do jornal *Correio do Sul* mostra a cidade de Chapecó, o título “A impaciência de uma cidade” transmite perfeitamente a imagem do que o jornal quer passar: uma cidade que tem um desejo de crescer quase incontrolável, onde a imagem contrasta com as antigas imagens da vila que antes ali existia. Mostrando novas casas, e com isso a densidade populacional de Chapecó, seu crescimento demográfico do período. A legenda da imagem “somos o que somos, em grande parte devido aos nossos administradores” não é apenas um elogio, na verdade poderia ser uma forma de

responsabilizar os administradores por diversos problemas que surgem com este crescimento.



*Jornal Correio do Sul, 10 de dezembro de 1977, ano 1, ed 18.*

Ao passo que a cidade continua crescendo economicamente e demograficamente, as periferias crescem rapidamente e de maneira desordenada, para o desespero dos que tinham em mente um desenho de cidade.

O crescimento populacional, causado pela busca por emprego e o êxodo das áreas rurais fruto dos processos de modernização da agroindústria, não ocorreu de forma assistida, em termos de provimento de políticas públicas sociais. As consequências do abrupto adensamento do espaço da cidade começaram a surgir, uma vez que o município não possuía condições para viabilizar e prover a cidade na mesma rapidez com que o seu núcleo urbano se consolidava, além do fato que, nesta época, não era preocupação corrente dos poderes públicos o enfrentamento da exclusão social. (FUJITA, 2013. p.320)

A imprensa de Chapecó adota a sua *missão civilizadora* de uma forma quase agressiva. O mesmo acontece perante o desenvolvimento urbano, sempre reportando o progresso da cidade, mas sem deixar de apontar as falhas. Em trechos de notícias, e do texto “Nossa Chapecó” do jornal *Correio do Sul* pode se notar como esta relação é percebida pelo jornal.

Não apenas deixam transparecer um projeto idealizado de um futuro como uma *cidade grande*, mas também mostra o lado que considera negativo. Não é difícil notar através do artigo a tentativa de traçar, pelas linhas do jornal, a ideia de “duas Chapecós”.

De um lado o crescimento e um projeto de futuro com “arranha-céus” e “belas mansões” de forma ordenada e sem se desligar do passado dos “descendentes de europeus”. Do outro lado não apenas existe pobreza, prostituição e os mais diversos vícios como também de forma desordenada “fecha o cerco à cidade” assim “sufocando” o crescimento e o futuro almejado. Então, preocupados com a imagem da cidade, de que os bairros pobres *borram* esta imagem e *adoecem* toda a ideia de uma cidade moderna.

Conflituosamente foi surgindo um novo espaço de contradições: proprietário-capitalista, pequenos produtores rurais integrados e o proletariado; as mansões e os barracos; espaços com localização privilegiada e vazios urbanos (à espera da especulação) contrastando com locais de difícil acesso e impróprios para morar; as avenidas bem-asfaltadas e iluminadas e a escuridão das ruelas; de um lado as vitrinas do luxo capital e, do outro, a vitrina da pobreza, da miséria, dos espúrios da sociedade, dos excluídos do processo produtivo. A "cidade das rosas", como queriam alguns, cresce com seus espinhos, deixando um espaço para a proliferação da exclusão, constituindo uma paisagem marcada pelas desigualdades e contradições sociais. (ALBA. 2013. p.38)

Muitas das regiões mais empobrecidas são retratadas pelos jornais dentre estas, também estão situações que definem até as “atitudes imorais”, na verdade por muitas vezes a própria situação de pobreza da população que ficam fora do padrão de modernidade almejado torna-se a definidora do imoral (RAGO, 2014, p.227).

A imprensa adota não só uma missão civilizadora, mas também a posição de anunciante da modernidade e de ideias progressistas, falando sobre o crescimento urbano e econômico da cidade, reportando sempre a transição de Chapecó de uma cidade rural para uma cidade urbanizada.

Várias vezes assumindo o “compromisso civilizador e moralizante” para educar a população ao molde desejado de alguém que convivem em uma cidade ordenada, incluindo padrões de limpeza, moradia, atitudes perante a sociedade e o próprio corpo, uma mãe solteira não traz apenas desgraça para si, mas também para a sua família e para a sociedade já que seus filhos “provavelmente irão virar marginais” infernizando as ruas da cidade.

A forma em que são retratadas as regiões periféricas pela imprensa pode ser visto de duas maneiras: Se seguirmos pela ótica do discurso burguês, o mesmo do I Congresso Brasileiro de Habitação, que.

Reclamando uma ação mais efetiva dos poderes públicos responsáveis pelo abandono em que se encontravam as classes trabalhadoras, ao contrário das classes médias, os engenheiros e arquitetos constatam as

péssimas condições em que vive o proletariado urbano e o trabalhador rural[...] (RAGO, Margareth. 2014. p.251)

sendo nesse meio que se desenvolveriam as enfermidades, a criminalidade e imoralidades, principalmente a prostituição “Pobreza e sujeira são assimiladas à ideia de degeneração moral, na representação do cortiço imundo como fonte de aquisição de vícios físicos e morais” (RAGO, 2014. p.256).

Assim aparentemente tornaria o que seria um discurso que iria à contramão do discurso de modernidade das autoridades. Na verdade, é a prova de que o jornal adota o discurso moderno. Não se trata de um contra discurso ou apenas uma preocupação com os marginalizados (pobres, prostitutas, etc.) é a preocupação com a modernidade que leva ao aparecimento destes artigos, trata-se da mesma modernidade, apenas vista de outra forma: onde os pobres não podem ser largados as favas, eles também devem tornar-se homens modernos, com ocupações honestas e serem membros produtivos da sociedade (VITÓRIA, 2012. p.26).

Em nenhum momento é criticado o desenvolvimento (crescimento) do centro urbano, na verdade esse desenvolvimento é bem aceito, mas não em detrimento de uma camada da população que fica desassistida.

A outra lógica de pensar o discurso da imprensa, é que realmente se trata de um discurso que critica esta via de mão dupla do crescimento do meio urbano, segundo Fernando Antonio Vitória

Ao passo que o discurso do poder público, por vezes, endossado pelos meios de comunicação, tentava construir uma Chapecó em franco desenvolvimento com um povo participando e sendo recompensado por isso, em outros espaços os problemas típicos de centros com crescimento rápido mostravam-se de forma gritante. Com o título: “*A marginalização dos moradores do bairro São Pedro; De onde vieram, como vivem, o que reivindicam*”, o periódico Correio do Sul abria, em 1978, uma série de reportagens sobre a situação vivenciada por bairros chapecoenses que, ou eram fruto desse processo de brusco crescimento, ou tinham sua situação drasticamente afetada por ele. (Vitória, 2011. p.129)

O material estudado por Vitória trata do mesmo período histórico e a abordagem do jornal é a mesma: trata de evidenciar o lado obscuro de um crescimento demasiadamente acelerado. Se tratando então de uma preocupação legítima com a qualidade de vida destes moradores, (porém) guiados menos por empatia do que por um desejo de regular o espaço (de acordo com um espaço moderno e civilizado), e que condiz com outras matérias vistas pelos jornais: porém, não deixaria de lado a sua parcela

de preocupação com a “modernidade”, mas que aqui são na verdade valores, de trabalho e progresso e não necessariamente ligado a um discurso de modernidade, porém sim, ligado a um discurso sobre o espaço urbano, chegando até a reclamar por mais espaços para exercer a “vida noturna” já que o “Bairro Céu Azul” é considerado a zona do baixo-meretrício.

Nesse caso, pela ótica da imprensa uma cidade que se diz moderna e busca o progresso, não pode deixar à margem com potenciais trabalhadores, e também o progresso não pode ser progresso se apenas uma pequena parcela da população desfrutar dele.

Discurso “moderno” ou não, as prostitutas constituem uma parcela marginalizada que sempre aparece como resultado da pobreza e falta de estrutura econômica e/ou familiar no espaço urbano, visão que perpassa a época e até mais recentemente, quando a representação da prostituta é de uma pessoa fracassada, frustrada e revoltada incapaz ou impossibilitada por fatores externos, de construir, por escolha, sua vida (KRAEMER, 2014, p.146).

Com a prostituição sendo combatida a nível moral, e com o espaço urbano da cidade em processo de crescimento, não tardou a se tornarem o foco de regulamentações do espaço urbano, como pode ser visto na notícia de 1973, citada no início deste trabalho (Folha D’Oeste, 8 de Setembro, 1973. Ed.442).

O que pode se tomar como um aprendizado desta situação, para os grupos marginalizados, desde a chegada dos primeiros colonos até o surgimento das zonas de meretrício: ser expulso, afastado, rejeitado do perímetro urbano e dos seus lugares de convivência se tornou o meio de vida chapecoense nestas décadas.

Percebe-se que o espaço da prostituta é limitado, dentro de preceitos higiênicos e morais da sociedade. A espaço da prática de prostituição é alterado não só para manter uma imagem da cidade, mas também por que a presença de prostitutas apresenta um perigo moral e higiênico, por isso a concentração da prática em único espaço, no bairro Céu Azul no caso de Chapecó, facilita o controle mora e físico da prostituta (SOIHET. 1989 p.205).

## 1.2 POBRE, IMORAL E DA VIDA?

Não diferente de cidades em processos de crescimento semelhantes, tornando-se novos centros urbanos, ou que estão em processo de reformas urbanas, como Rio de

Janeiro por exemplo, citada por Margareth Rago, Chapecó também possui uma parcela da população que começa a se preocupar com a questão higiênica da cidade.

Entre os habitantes da cidade, estavam alguns migrantes que vinham do campo com posturas e hábitos do dia a dia que não eram compatíveis com o convívio urbano e também muitos cidadãos que mesmo acostumados com a vida urbana, precisam se ajustar a condição de outro conceito de cidade (VITÓRIA, 2013. p. 106).

Segundo Vitória entre os anos de 1977 e 1979, uma série de apelos é feita pelos jornais de circulação na cidade. São direcionados ao povo com discursos, construindo uma “aversão às práticas costumeiras e delineando o perfil do homem urbano condizente com o momento a que estava inserido” (VITÓRIA, 2013. P. 112). Porém este discurso não foca apenas práticas de higiene do dia a dia destes homens, além de que não abrange somente o centro da cidade, as periferias, os bairros pobres estão constantemente estampando capas e sendo assunto de matérias dos jornais da cidade.

Na matéria da edição 223 do dia 7 de fevereiro do ano de 1970, “um quadro desolador: um desafio chapecoense” do jornal *Folha D’Oeste* retrata as condições da região periférica da cidade, mais precisamente o bairro São Pedro, o qual a notícia se refere como sendo “um grande mal, um câncer mesmo”. Segundo a matéria onde são raras as casas com poço para água potável e quase não existem casas com fossa. Com a falta desta estrutura os moradores fazem uso do rio Passo dos Índios, que atravessa o bairro, tanto para o abastecimento e uso doméstico quanto para depósito de detritos. A notícia lembra que o mesmo rio atravessa toda a cidade, desta maneira levaria com sigo “toda a sorte de impurezas”(Jornal Folha D’Oeste, 7 de fevereiro de 1970, Ed. 233)

Nesta mesma matéria o jornal elogia as *Irmãs de Cristo Rei*, que fazem um trabalho social no bairro. Para além de ministrar cursos de corte e costura, arte, culinária, bordado, além de administrar medicamentos, ensinam os preceitos de higiene, moral e trabalho. A matéria também clama por medidas por parte da população. Convoca para uma “batalha salvadora” para evitar que no futuro sejam “dezenas de milhares a mendigar, a assaltar, a roubar, a prostituir a cidade, a morrer de fome, a semear doenças infecciosas e, acima de tudo, a envergonhar um povo que progride e se enriquece pelo trabalho[...]”(Folha D’Oeste, 7 de fevereiro de 1970).

Boa parte disso pode ser visto como uma preocupação com o meio urbano, já que as práticas destas pessoas afetam diretamente o centro da cidade. Sendo assim esta preocupação seja com problemas sociais e infra estruturais da periferia só chega as páginas deste jornal devido a este fato. “Toda a preocupação com a saúde da população

em geral decorre da necessidade de medicalizar o pobre, pois a saúde dos ricos dependia da dos pobres” (PETROLI, 2008. p.97).

Não só com a higiene, os jornais demonstram uma grande preocupação com a educação moral dos habitantes da periferia de Chapecó. Segundo o jornal o problema moral é uma outra grande vergonha, segundo, pois toda a família, pais, mães, filhas e filhos das mais variadas idades dormem no mesmo local, não existindo nenhuma individualização do espaço. Segundo Margareth Rago a intervenção na moradia do pobre “[...] pelo olhar vigilante e pelo olfato atento do poder assinala a intenção de instaurar a família nuclear moderna, privativa e higiênica, nos setores sociais oprimidos”(RAGO, 2014. p. 214). A mesma notícia da edição 223, coloca que quase todos os moradores do bairro não exercem nenhuma atividade ou por não saber trabalhar ou por não possuir condições físicas para tal (Jornal Folha D’Oeste, 7 de fevereiro de 1970, Ed. 233).

O trabalho aparece no jornal *folha D’Oeste* como um fator importante que salvaria as pessoas desta situação. Na matéria na edição 310 de 21 de agosto de 1971, denominada “Apesar de tudo a Roubalheira continua” aponta ser louvável a atitude de alguns meninos da periferia que se atirariam a profissão de vender frutas nas ruas. O trabalho e o crime aparecem como duas forças opostas, a pessoa que não se sustenta pelo trabalho estaria *inclinada* ao crime, este crime podendo ser também moral, como a mendicância e a prostituição.

Não apenas o jornal *Folha D’Oeste* mas também o semanal *Correio do sul* se preocupa com a questão moral destes habitantes, em sua edição de 19 de novembro de 1977, em uma matéria intitulada “Os subúrbios de uma cidade”. A matéria tem como foco novamente o bairro São Pedro, embora não citado na notícia, fica claro através das legendas das fotos que retratam os barracos onde vive esta população.

A dita matéria trabalha não com um relato da visão deste bairro pelos jornalistas, mas sim, através de uma autoimagem de dois residentes do bairro, funcionando como um relato de relatos. A matéria é iniciada comparando o repúdio ao se ver no espelho, com a imagem refletida de Chapecó, onde se poderia ver o centro, os bairros e o subúrbio. A periferia marcada pela marginalização aparece como sendo resultado de medidas e decisões políticas que são feitas “segundo os interesses de classes e grupos e não em função do interesse de todos”. Na fala de um dos moradores descrita na matéria aparece o reconhecendo de que vivem *como marginais*. Isso por estarem excluídos e esquecidos da sociedade, sem estrutura, saúde ou educação (*Correio do Sul*, 19 de novembro de 1977).

Ao fim da matéria questiona quem seria o culpado desta pobreza, levando a considerar que a responsabilidade seria de todos, para que todos juntos *encontrem a solução destes males* “Não é tarefa apenas dos poderes públicos. É dever de todos. De todas as instituições que possam contribuir com a educação do povo” (*Correio do Sul*, 19 de novembro de 1977). Estratégia recorrente em Chapecó, chamar a população para a participação na construção de Chapecó.

Mais sutil, mas ainda assim uma forma de tentar “educar”, outras matérias do jornal *Correio do Sul* mostra traços da sociedade em matérias que claramente tem este cunho de educar a população, relacionando a criminalidade menos com as periferias, mas ainda com as imoralidades na cidade de Chapecó. Assuntos como drogas, aborto, mães solteiras e infidelidade fazem parte de alguns assuntos que são trabalhados pelos jornais.

Como visto, na matéria do jornal *Correio do Sul* do dia 12 de novembro de 1977, nomeada *adultério – Um jogo de aventuras*. Nesta matéria é criticada a infidelidade dos casais e cita algumas possíveis consequências para esta prática, a matéria foi construída, segundo o jornal, através de conversas com as mais diversas autoridades ligadas ao assunto, com vítimas da infidelidade e com pessoas que a infidelidade não passa de um ato banal (*Correio do Sul*, 12 de novembro de 1977).

A atribuição da infidelidade está relacionada, nas falas que aparecem ao decorrer do jornal, a falta de educação e moral, na notícia o advogado Valdemar Capeletti diz que entre as várias causas que levam à infidelidade é possível citar “a educação que, aliada à formação moral e intelectual dos cônjuges, somadas à falta de tolerância e compreensão e, muitas vezes, agregadas à situação econômica, leva os cônjuges ao adultério” Na opinião do advogado, se os casais fossem providos de “boa educação, formação moral e intelectual, jamais seriam infiéis. Pois, se por outras causas fosse impossível a vida a dois, buscariam primeiramente a separação, para depois procurarem as suas aventuras” (*Correio do Sul*, 12 de novembro de 1977).

Uma característica muito presente nesta notícia é que embora a intenção seja falar do adultério conjugal, a mulher é o principal alvo das críticas morais da notícia, ficando evidente nas falas de diversos entrevistados. Na opinião de José Correa Amorin como aparece em um trecho da matéria, a infidelidade traduziria a falta de caráter, dignidade e moral de toda a mulher que sem nenhum motivo de ordem biológica, psíquica ou mesmo de ordem econômica e social, mas acabam cometendo este delito, efetivamente, estas mulheres deveriam ir para o lugar a elas reservado, onde poderiam expandir seus instintos (*Correio do Sul*, 12 de novembro de 1977).

Em outro trecho a Advogada Lia Colossi, culpa as mulheres pela infidelidade de seus maridos. Na opinião da advogada com a vinda dos filhos a mulher colaboraria intensamente para a infidelidade do marido, começando por negligenciar a aparência, descuidando do vocabulário e expondo a intimidade resguardada “na época da conquista”. O maior problema, no entanto, seria porque as mulheres começariam a “dividir” com os filhos o amor antes exclusivo do marido, que segundo a advogada, deveria ser desdobrado e “adicionado”, não dividido (*Correio do Sul*, 12 de novembro de 1977).

Ou seja, é possível perceber como existe um foco na educação moral das mulheres. O problema, para o jornal, está na moralidade das mulheres, transparecendo nesta fala como uma ideia de formação moral, biológica e psíquica específicas da mulher.

Outra matéria que chama atenção e se torna muito importante é denominada “Mães solteiras e seus filhos” no jornal *Correio do Sul*, edição do dia 10 de setembro de 1977. O jornal relaciona um grande problema, o qual necessariamente os filhos de mães solteiras se transformariam em marginais futuramente, pois “rolariam pelo mundo seriam carregados pelos ventos dos maus hábitos”, “fazendo pouco da vida: o mais frequente, matar e roubar o próximo, descarregando o ódio da humilhação de ser filho de ninguém” (*Correio do Sul*, 10 de setembro de 1977).

Um ponto interessante a notar é como a virgindade se torna um assunto central na matéria, deixando os repórteres “estarecidos” quando jovens “meninas-moças” dizem ser um absurdo chegar ao altar virgem. Nota-se novamente uma ideia de pureza relacionada a imagem da mulher que ainda persiste no período afinal é uma sociedade que valoriza o ideal de virgindade.

Embora os dois jornais, *Folha D’Oeste* e *Correio do Sul*, procurem a participação popular para resolver os problemas da periferia, devemos levar em conta que os dois jornais tem visões diferenciadas sobre a mesma. O jornal *Folha D’Oeste* vê a periferia como um perigo à modernidade, que ameaça a imagem e segurança da cidade e por isso devem resolver o problema. Já o jornal *Correio do Sul* percebe a periferia como uma região que foi excluída do processo de desenvolvimento de Chapecó, seguindo uma noção de que o progresso só vai existir se todos participarem deste processo.

Existe, no entanto uma semelhança nas notícias dos dois jornais, que se trata de relacionar a periferia e as práticas imorais, principalmente senão totalmente femininas ao crescimento dos índices de prostituição. Essa relação transparece em boa parte das matérias de cunho higiênico e/ou moral. A exemplo, todas as matérias já citadas relacionam em algum momento as *atitudes imorais* com a prostituição. No jornal *Folha*

*D'Oeste* na matéria “Um quadro desolador, um desafio chapecoense” a falta de divisão da casa em espaços distintos é relacionada com a promiscuidade que seria levada pelos menores como herança do berço, isso elevaria os índices de prostituição. Esse nível segundo o jornal já seria “quase total em meninas de 9, 10, 11, 12, 13 anos” que como consequência contribuiria também para proliferação de doenças venéreas (*Jornal Folha D'Oeste*, 7 de fevereiro de 1970, Ed. 233).

O mesmo jornal, na notícia nomeada “apesar de tudo a roubalheira continua” cita também a prostituição de menores como resultado da pobreza, da fome da doença e do analfabetismo. Estas menores, “Á noite desfilam disfarçadas as “andorinhas” que, a procura de vender o corpo por alguns niqueis, buscam os desavisados que possam carrega-las para algum lugar, na prática de outro crime, a prostituição”. Defendendo com o sexo a alimentação (*Folha D'Oeste*, 21 de agosto de 1971)

Para o referido jornal a prostituição é uma imoralidade resultante de outra imoralidade e que essa por sua vez é resultante da pobreza. Aparentemente tudo o que se origina do Bairro São Pedro, (loteamento criado pelas empresas colonizadoras no fim dos anos 1960 para realocar os pobres) está condicionado socialmente, economicamente e até biologicamente a serem “candidatos ao crime” e perpetuarem este ciclo. Neste sentido o jornal usa de um discurso moralizante e higiênico, falando sobre a sujeira e imoralidade da moradia pobre, assim eliminando obstáculos, para poder exigir e intervir no seu espaço de convivência, em seu lar (RAGO, 2014, p.230) “Trata-se de construir uma habitação e uma forma de morar que interditem relações impuras, localizando o amor, codificando a sexualidade, eliminando tudo que represente libertinagem, orgia, desordem e anarquia” (RAGO, 2014, p.253).

Não apenas o jornal *Folha D'Oeste* julga a prostituição a partir da imoralidade e da periferia. O jornal *Correio do Sul* (19 de novembro de 1977) inicia a matéria “Os subúrbios de uma cidade” citando que no bairro muitos homens ficam sem trabalhar e mandam as esposas “dormir fora a fim de ganhar dinheiro”, também seguiam relatos de que as filhas da maioria destas famílias estariam “jogadas na vida” e seriam obrigadas a repartir em casa o dinheiro que ganhavam com a prostituição.

Não só relacionada a periferia, mas também a determinadas práticas consideradas imorais, a prostituição aparece no jornal *Correio do Sul* ainda na mesma matéria (19 de novembro de 1977), como o resultado de engravidar com 17 anos e sem estar casada, Maria foi demitida e posteriormente rejeitada pela família assim tendo que recorrer a prostituição para sobreviver. Especialmente na notícia sobre as mães solteiras isso fica

evidente, praticamente virando o ponto central da matéria, no trecho que inicia a matéria cita que “O sorriso mais triste é aquele que se presencia em zona de meretrício, boates, inferninhos” nestes ambientes de trabalho onde a “falsidade, a bebida, o comércio do corpo faz com que o resto sorria, não por espontaneidade, mas para esconder a realidade que existe dentro do peito apodrecido pela vida sem sentido”. Segundo o jornal ao menos duas mil mulheres fazem parte deste quadro, em sua maioria mães solteiras, as quais foram apuradas as dificuldades principalmente quando fazem parte da “classe média para baixo” as quais o final “[...]seria sempre o mesmo: amante de alguém do dinheiro, vendendo seu corpo e afogando as magoas e o desespero num copo de bebida misturado com drogas, para não pensar no futuro”(Correio do Sul, dia 10 de setembro de 1977).

Este trata-se de apenas o texto inicial da matéria, que consiste em entrevistas de jovens dentre 17 e 28 anos, todas mães solteiras. Nenhuma das jovens tem a vida citada neste texto antes de engravidar, na verdade aqui, a “prostituição” é o resultado desta gravidez indesejada, aparentemente o jornal já utilizava a noção de família como “união entre homem e mulher”, justamente por que se trata de uma defesa da família nuclear burguesa.

Neide Padilha e Sonia Braga “Soninha”, estão claramente relacionadas com esta visão, já que aparecem na notícia, respectivamente, como uma amante que recebia para isso e como uma prostituta que trabalha na zona do meretrício já há dois anos.

Para além de definir este “pandemônio” de “amaldiçoados com fracasso” e “impotentes”, nos traz um dado muito intrigante sobre a prostituição, menos (mas ainda) presente em outras das fontes: a prostituição de menores, na verdade até de crianças, nestas regiões, dados importantes que nos leva a pensar a extensão da prostituição em uma cidade que apenas se aproxima dos 100 mil habitantes. Mas novamente, este texto nos traz algumas informações importantes, como um possível número aproximado (como não possui a fonte de que foi retirado é um possível número) de prostitutas em 1977, cerca de duas mil mulheres.

Os jornais demonstram uma grande preocupação com a forma de viver a cidade da população Chapecoense, condenando diversas atitudes, principalmente discursando com uma preocupação especial sobre a família. Dedicando diversas matérias para a educação moral de seus leitores. O discurso chega a um ponto onde transforma o ato da prostituição em uma doença, e como se a prostituta fosse o agente responsável pela “transmissão” da imoralidade, então os locais fora da região designada, onde aconteciam estas práticas eram “focos” que deveriam ser “atacados” e “erradicados”.

A prostituição, na visão dos jornais, é resultado direto da pobreza que cresce a cada dia na cidade de Chapecó. Sabendo disso, porém, embora seja verdade de que o índice de mulheres na condição de prostituição cresça, com o aumento da pobreza, o mesmo pode ser dito sobre a mendicância, do subemprego, mas diz pouco sobre suas especificidades (RAGO, 2008, p.24).

Embora a matéria esteja tratando de um acontecimento nos anos 1970, essa exclusão está ligada a uma manutenção de uma ordem no espaço urbano, da regulamentação do espaço, relacionado a uma noção burguesa de “modernidade”, tanto no controle do espaço quanto no controle sanitário, que é refletido justamente pela “patologização” da zona de prostituição e das periferias, A transferência da zona de prostituição, tem a função de estabelecer este controle, embora não atrelado a uma rigorosa regulamentação como acontece em grandes centros em outras épocas, como no Rio de Janeiro, a presença policial neste espaço é percebida com certa frequência.

Embora este pensamento sobre os sujeitos indesejados e as ações tomadas com estes indivíduos seja certamente particular ao contexto e às peculiaridades da cidade no período, tem início em um período anterior da formação do espaço urbano de Chapecó, na verdade, essa ideia de construir e manter uma cidade urbanizada, moderna, “progressista”, limpa, organizada e dividida data dos primeiros traçados da cidade de Chapecó, no local onde antes existia apenas a pequena vila de Passo dos Índios.

Embora exista pelos dois jornais o reconhecimento de uma cidade dividida, de dois territórios em um único corpo, além de existir (diferença no tratamento à prostituição) uma problematização da prostituição pelas duas partes, não existe um interesse em acabar com ela, pois é justamente a ideia de modernidade e progresso, o desejo por uma vida noturna na cidade de Chapecó, a área central e seu traçado xadrez mostra a preocupação em manter um ordenamento e um planejamento na cidade para um futuro. Porém este planejamento, segue apenas existindo na Chapecó central. Chapecó, a cidade das rosas aparentemente está dividida, o centro, a flor e a periferia, o bairro Céu Azul, seus espinhos.

A prostituição é vista através da ideia da modernidade, e vista na conjuntura de seu próprio tempo, em uma relação espacial, econômica, moral, que definem a própria ideia de corpo:

O corpo que nossa modernidade idealiza é um corpo produtivo economicamente. Em qualquer circunstância ou avaliação, o corpo de cada indivíduo deve ter um valor econômico. [...] Mas no caso da prostituição, é um

setor que não está politicamente submetido aos ditames de governo, moralmente é reprovado e, economicamente não está submetido aos cânones da atividade econômica, não recolhe impostos, não produz bens (KRAEMER, 2012, p.125)

Chapecó é uma cidade que tem espaços definidos, o centro, a periferia, e a zona de prostituição. Embora teoricamente exista esta regulamentação, onde existe poder, conseqüentemente haverá resistências (FOUCAULT, 1988 p.73), como em outros centros urbanos “No intuito de “limpar” o centro das cidades, estas atividades são afastadas, mas retornam invariavelmente, mostrando o fracasso retumbante destas políticas públicas” (PEDRO, 2010, p.13). Em Chapecó estes espaços são transgredidos a todo o momento, muitas vezes dando a impressão de que a prostituição está em todo o lugar, mais do que confinada ao bairro Céu Azul, mesmo assim, acaba sendo tolerada nestes espaços, sendo muito mais variada do que limitada por espaços limitados, a prostituição é uma rede de relações, sociais e econômicas, viva e pulsante, que não mostra indícios de que se findará, afinal a maior defesa da prostituição, é que na maioria das vezes é vista como um mal necessário, onde não se quer extingui-la, apenas esconde-la (KRAEMER 2012. p.127).

## 2 DEITAR-SE NA REDE

Eram por volta das dez horas da noite de sexta-feira, 19 de Setembro de 1975, quando a equipe composta pelo delegado regional, Pedro Fernandes e o policial, João Manoel de Souza, organizou uma “Blitz” nos bairros de Chapecó para combater a onda de furtos e arrombamentos que existia na cidade. A equipe dirigiu-se à “Zona Velha” (Bairro Ipica) onde fizeram a vistoria de alguns botecos, chegando ao conhecimento da equipe, através de uma série de reclamações de moradores, que denunciavam Eliza, também conhecida como “*Toca*”, pela prática de lenocínio.

Chegando na casa de *Toca*, entraram pela porta da frente e quando já dentro da residência anunciaram que se tratavam de policiais, já que estavam à paisana. Deste ponto em diante, *Toca*, que havia convidado os policiais para dentro muda de postura e passa a hostilizá-los: “Que é que tenho com isso que é a polícia? Eu estou na minha casa e vocês estão todos à paisano eu não sei quem vocês são”, neste momento Del. Pedro, retira sua carteira de identidade funcional para provar que é policial. *Toca* continua a retrucar: “Não quero ver esta bosta, policial filho da puta nenhum entra aqui, ...a casa é minha” enquanto empurra o delegado em direção a porta, assim derrubando os documentos dele e este, se vendo desmoralizado em sua autoridade policial, não teve outra alternativa senão dar voz de prisão a *Toca* dizendo que estava presa em flagrante por estar desacatando a autoridade policial. Mesmo após ser advogada a voz de prisão *Toca* continuou a proferir impropérios contra os policiais, e dizendo que de maneira nenhuma iria presa, somente sob ordens do juiz, e que “quebraria o galho” com o juiz Doutor Córdova.

Seguindo o acontecido os policiais seguem revistando a casa encontrando cinco pessoas sendo elas Ivo, Iracema, Cândido, Roberto e Olga estes foram prestar declarações como testemunhas na delegacia de polícia de Chapecó logo depois do acontecido (Auto de prisão em Flagrante, Nº 87/75).

Este relato foi construído com informações retiradas de alguns dos depoimentos do auto de prisão em flagrante Nº 87/75 do ano de 1975, mais precisamente dos dois policiais que realizaram a batida, o delegado regional de polícia Pedro Fernandes que no inquérito foi descrito como vítima e João Manoel de Souza que é o condutor. Os dois relatos dos policiais têm grande extensão e estes inserem mais elementos e revelam alguns detalhes sobre a atuação policial neste tipo de estabelecimento.

Não só nesta região de Chapecó, mas diversos outros bairros da cidade são marcados pela existência de bares e casas que façam uso de seus cômodos para a prática

de prostituição quase como as prostitutas de segunda ordem<sup>4</sup> no Rio de Janeiro na virada e nas primeiras décadas do século XX citadas por Rachel Soihet (1989, p.202), as quais estavam espalhadas por toda a cidade e moravam sozinhas ou com algumas amigas em casas ou sobrados onde tinham também suas relações.

Porém, a prostituição é um fato histórico, social, político econômico e afetivo, carregado de preconceitos e estereótipos, falar sobre prostituição é falar basicamente de relações, incluindo relações de trabalho e de exploração (KRAEMER, 2012, p.123). Por ser político, histórico, social e econômico, não se trata de uma única realidade e por isso não deve ser tratada como uniforme em diferentes pontos no tempo e no espaço, então, embora alguns elementos sejam parecidos é possível encontrar diversas especificidades.

A prostituição não é um elemento de fácil definição, afinal, se for definido apenas como “comércio do corpo” todas as profissões se encaixariam nesta classificação, afinal todas as profissões empregam o uso dos pés, mãos mentes e tempo do trabalhador em troca de pagamento (PEDRO, 2010.p11)

Existe uma rede de relações e dependências complexa, ao ponto do jargão midiático, *mundo da prostituição*, de conotação negativa, toma um sentido maior, já que se não um *mundo*, toda esta rede de relações forma no mínimo um complexo mercado, dinâmico e versátil (FÁVERI, 2010a, p.21).

## 2.1 ANOITECE NO CENTRO, MAS NO BAIRRO CÉU AZUL...

Na virada do século XIX para o XX, no século XXI, nas grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, ou até em cidades menores como Chapecó e Criciúma as mulheres esperavam nas janelas, chamavam os homens, circulavam pelas ruas com olhares lascivos e quentes, para o conforto e calor de suas camas. A relação da prostituta com o local de encontro como o cliente é fundamental, Estes lugares são ruas, bairros, Avenidas, bares ou casas, são necessários para além dos lugares de “flertar” lugares de se encontrar e lugares de trabalhar lugares para criar vínculos.

Em Chapecó, na década de 1970 um dos lugares com maior presença de prostitutas é a Avenida Getúlio Vargas. A referência feita pelos jornais era constante:

---

<sup>4</sup> Na literatura da época sobre o tema, as prostitutas foram classificadas em três ordens as de primeira ordem sendo meretrizes com poder aquisitivo e status social “de luxo” e as de terceira ordem eram as pobres que dependiam da profissão para o próprio sustento (SOIHET. 1989, p.202).

Durante dois dias as celas da Cadeia Pública Municipal, especialmente de madrugada, estiveram repletas de mariposas, as quais foram detidas especialmente na avenida Getúlio Vargas, cartão de visita de Chapecó. No livro de registro ontem constavam 10 nomes, envolvendo, a maioria, menores. É mais um fato que merece ser estudado pelos sociólogos. Uma simples ação policial não basta. É necessário muito mais. (Diário da manhã, Chapecó, quinta feira, 24 de janeiro de 1980)

A bela avenida que também é citada nos inquéritos: Olga, testemunha no caso de *Toca* (Auto de prisão em flagrante nº87/75 ano 1975), diz que é seu costume encontrar-se com seus amantes pelas ruas desta da cidade, para então dirigir-se até a dita casa onde alugam quartos. No dia do ocorrido, por volta das 17:00 horas, encontrou-se com um homem na Av. Getúlio Vargas seguindo para a Residência de *Toca* às 21:00 horas. Prova da eficiência das políticas de limpeza do centro da cidade, a longo prazo, e principalmente do processo de afastamento da prostituição de rua do centro com o crescimento da cidade é que hoje seria impensável ver uma prostituta na Av. Getúlio Vargas, porém ainda marcada por esse estigma.

Ficar pelas ruas seja parada ou circulando a procura de clientes oferece certo grau de risco a estas mulheres, que estão expostas podendo ser recolhidas pela polícia, sofrer agressões além de ficarem expostas publicamente podendo comprometer a sua imagem pública, porém talvez a maior desafio seja arriscar-se buscando um lugar para ter suas relações, ficando muitas vezes a mercê do cliente para escolher um lugar, possivelmente desconhecido.

Para contornar este problema, dentro do cenário da prostituição chapecoense, constam inúmeros estabelecimentos que tem função de suma importância na rede de relações prostitucionais. Os Inquéritos descrevem em sua maioria localidades/lugares às margens da cidade de Chapecó, entre o rural e o urbano, em bairros residenciais como os bairros Ipica (Zona Velha), Maria Goretti, BNH, Bela Vista. Devem haver lugares deste tipo espalhados por todas os bairros, incluindo o centro da cidade e no famigerado Bairro Céu Azul.

Estes estabelecimentos constituem-se em residências, como no caso de Eliza (*Toca*), que fazia uso da própria residência, onde até recebia visita de familiares e anteriormente alugava sua casa enquanto estava fora da cidade. ou bares que muitas vezes são germinados com casas, como no caso de D. Nair que também aluga quartos (Inquérito Policial, nº143/83, ano 1983). Há vinte e cinco anos D. Nair residia na Rua Pará, no bairro

Maria Goretti. Nair tinha um Alvará de Funcionamento para bar no local onde residia, juntamente com este bar também tem quartos que aluga para programa sexual quando aparecem homens já acompanhados.

Estes espaços, locais de encontro entre as meretrizes e os clientes, justamente pela sua forma de funcionamento servem muitas vezes como pequenos “motéis improvisados”, A exemplo do bar de D. Nair, que não tem moças disponíveis para programa com seus fregueses. Somente alugando quartos quando o homem já vem acompanhado, não dispondo de mulheres na casa para este fim (Inquérito Policial, nº143/83, ano 1983).

O mesmo acontece na casa de *Toca*, na qual Olga, uma prostituta que frequenta o lugar já a mais ou menos um mês, relata que é de costume encontrar-se com seus amantes pelas ruas da Cidade, para então dirigir-se até a dita casa onde alugam quartos. No dia que foi inquirida pela polícia, encontrou-se com um homem na Avenida Getúlio Vargas, com o qual circulou pela Cidade até por volta das 21:00 horas, quando se dirigiram até a casa de “*TOCA*” (Auto de prisão em flagrante, nº87/75, ano 1975). Ivo Mariano, jogador de futebol em Seara, que encontrou-se com Iracema, sua amante já faziam uns três meses, e a convidou para irem a casa de Eliza, a fim de lá dormirem, e manterem relações sexuais.

Estes lugares tentam *driblar* o controle policial, pois como alugam quartos para casais já acompanhados, ou como descrito apenas casais, não necessariamente alugam apenas para prostitutas.

Estes, não são apenas locais para encontro sexual, mas também abarcam lugar e encontro entre amigos, para conversar e divertir-se, ou seja, são espaços de sociabilidade (RAGO, 2008, p.111; FÁVERI, 2010a, p.34) para além do local onde a prostituta espera ou se relaciona com seu cliente. Como Maria Nair alega (Inquérito Policial, nº143/83, ano 1983), aparecem mulheres de fora e ficam bebendo em seu bar e depois fazem programas sexuais nos quartos de aluguel que a ela mesma disponibiliza. Desta maneira sem precisar ficar no perigo das ruas, arriscando ser atacada, violentada, sofrer com a truculência policial, ser detida pelos mesmos. Estes locais, são de grande importância para as prostitutas que não trabalham em casas de prostituição, assim tendo um local seguro e confortável para encontrar com clientes ou para ter suas relações quando este for encontrado pela ruas.

Os bares e casas que alugam quartos surgem como uma complexificação dentro da própria rede de relações da prostituição, para além da rua e a boate, na verdade segundo

Adriana Vieira (2010, p.165) esta *metamorfose*, ou seja, a presença de quartos para alugar em estabelecimentos, é uma das transformações mais evidentes da prostituição.

Acreditamos que estes lugares tenham surgido a partir de uma necessidade, formando um mercado relativamente autônomo e paralelo, já que várias *microinstituições* podem surgir para sustentar a prostituição (RAGO, 2008 p.103). É preciso de um lugar seguro e livre de olhares julgadores e reguladores que existem nas ruas, o lugar surge através de algo como uma *demanda social*. Da mesma maneira que em surge a prostituição diurna, a exemplo de Florianópolis, estudada por Marlene de Fáveri (2011b, p. 5), onde o deslocamento da prostituição das ruas para apartamentos, no horário diurno, soma para além de um diferente ritmo de mercado e do anonimato do cliente, está relacionado à violência nas ruas, ou seja, porque é mais seguro e rentável.

Em Chapecó de certa forma estas prostitutas ficam livres dos proprietários das boates e de caftinas (RAGO, 2008, p.102), que poderiam as extorquir, se não, certamente tirando sua autonomia, já que ficariam dependentes do espaço da zona. Esta forma de prostituição era bastante atrativa na medida em que livrava as mulheres de terem que praticar outras atividades, como fazer *salão*, abarcava fregueses de menor renda que não conseguiriam pagar noitadas com bebidas, possibilitava talvez maior rendimento já que poderiam sair com mais clientes, e ainda oferecia uma “[...]margem de liberdade que elas não poderiam jamais desfrutar caso ficassem sob a ‘proteção’ dos donos de bordéis da zona” (VIEIRA, 2010, p.150). Estes espaços também possibilitam que as prostitutas realizem *instantes*, que são relações sexuais mais rápidas e baratas (VIEIRA, 2010, p. 167), relações estas que predominam neste tipo de espaço.

Não apenas as prostitutas se beneficiam desta relação, Segundo Adriana Vieira

[...]prostitutas e botequins ligavam-se numa espécie de *simbiose*, elas garantiam o crescimento ou a manutenção desses pequenos espaços destinados à sociabilidade masculina, e estes, por sua vez, contribuía para sustentar a prostituição e a remuneração para mulheres que não queriam manter vínculos de dependência com uma cafetina (2010, p.158).

A prostituta leva, atrai ou combina com os clientes o lugar em que se encontrarão, os cliente acabam por consumir as bebidas vendidas no local, a bebida é um elemento que aparece em vários documentos, dos cinco inquéritos, em dois, de 1983(nº143/83) e de 1985(417/85) os locais em questão são bares, além de que estes lugares cobram do cliente o valor de cada *instante* feito nos quartos.

Claro que, o próprio bar, pode ser utilizado como uma fachada, desta maneira burlando leis e driblando fiscalização (FÁVERI, 2010a, p.28), tendo como principal fonte de lucros o aluguel dos quartos, mas não significa que a venda de bebidas não gere lucro.

Um problema que pode ser recorrente nestes lugares é relativo à sua fama, pois, se muito visitado, não apenas chama a atenção de vizinhos e autoridades, resultando em denúncias e até no fechamento do local, mas também vira alvo de criminosos, que identificam esses locais. Esse que pode ser o caso citado pelo policial João Manoel de Souza (Auto de Prisão em flagrante, nº87/75. Ano 1975), “o qual lhe disse ter ocorrido na frente da dita casa assaltos contra mulheres que por ali passavam”. É bem provável que as mulheres assaltadas fossem as prostitutas que acabaram de sair da casa de *Toca*, com o dinheiro do programa, virando alvos fáceis para ladrões, que tem conhecimento da prática, já que a segurança oferecida por esses lugares é apenas relativa ao lugar para as relações sexuais, pois estas prostitutas ainda conseguem os clientes pelas ruas.

Muitas outras prostitutas estão submetidas a cafetões ou cafetinas com a possibilidade de trabalhar nas casas de prostituição, propriamente ditas. Estes lugares reúnem o prazer noturno em um só ponto, com a grande diferença de serem fechados e das garotas trabalharem apenas neste espaço, não fazendo ponto pelas ruas.

No caso de Catarina, que aparece como indiciada no inquérito de número 90/87 de 1986. Dona de uma casa de “encontros” amorosos, na Rua Marcilio Dias, No Bairro bela Vista. Catarina na mesma casa com mais quatro pessoas, sendo que duas são maiores e as outras duas menores, Além de seu amante Roberto Duarte e seu filho Roberto Gasparin. Catarina e seu amante compraram a casa de programas em meados de mil novecentos e oitenta e quatro (Inquérito policial, nº 90/87 de 1986).

Esses lugares funcionam de uma forma um pouco diferente dos citados anteriormente. Não funcionam como motéis, mas sim, sendo espaços específicos para a prostituição, com garotas que dormem na casa e “fazem salão”, e não dependendo de que as mulheres escolham o lugar para ter suas relações, porém o sistema ainda funciona através do aluguel dos quartos.

Da mesma forma, as mulheres não precisam estar expostas nas ruas para conseguir clientes, são os clientes que buscam estes lugares, reduzindo a exposição delas aos perigos da noite nas ruas. O mesmo pode ser dito sobre os clientes já que o *trottoir* em ruas centrais denuncia o cliente (KRAEMER, 2012, p.136).

As mulheres não apenas se relacionam, mas também “fazem salão” ou seja, devem pelo estabelecimento, seduzindo homens e vendendo bebidas, além de cuidar do bar.

Normalmente, o lucro dos donos do espaço, vem da venda de bebidas e do aluguel dos quartos, enquanto as mulheres ficam com o que ganham em seus programas. A exemplo da casa de prostituição de Catarina, a qual apenas comanda a casa, quando as mulheres de programas que ali estão vão para o quarto o que elas arrecadam fica para cada uma, cada mulher faz o seu preço e Catarina, tira o lucro da bebida e do aluguel, importância de Cr\$ 50.000, (cinquenta mil cruzeiros) que cobra do freguês para ficar meia hora no quarto.

Neste caso, se forma mais específica, não apenas segurança, é possível ter uma maior liberdade econômica, além de tornar a situação mais suportável, sendo possível redefinir o valor conforme o cliente, e somado com o fato de que não precisam fazer *trottoir* este tipo de lugar talvez seja o mais procurado para exercer a profissão de prostituta, porém, aparentemente estes lugares são marcados por uma certa seletividade.

Para manter a freguesia deste espaço, é preciso manter um fluxo de mulheres, partindo de uma seleção, preferencialmente jovens, com belos corpos. Existe um processo de buscar essas jovens, Catarina, por exemplo, ela mesma busca as jovens, em outras cidades, jovens como Elizabete de 16 anos. Segundo o inquérito nº090/86 de 1986, Antes de vir para Chapecó e começar a ter vida fácil, trabalhava na cidade de São Miguel do Oeste, como empregada doméstica. Elizabete se mudou para Chapecó a pedido de Catarina que em certa ocasião esteve na cidade de São Miguel do Oeste, buscando mulheres para trabalhar com ela. Como as propostas feitas eram boas Elizabete aceitou (Inquérito Policial nº090/86, ano 1986).

A prática de “buscar” jovens para trabalhar em casas de prostituição, não envolve apenas buscar em diversos lugares diferentes, por vezes, são empregados artifícios para conseguir garotas que trabalhem como prostitutas. Um bom exemplo é o de Iara, que possui uma casa de prostituição na zona do meretrício, em uma casa alugada. Iara, como também é conhecida, Faz uso das prostitutas e também se aproveita de seus vínculos familiares (Inquérito policial nº47/77, ano 1977).

Iara, segundo o relato de Roza (Inquérito policial nº47/77, ano 1977), “mandou” Maria Natalina Telles, convidar sua irmã, Rosa Terezinha Telles para que fosse a sua casa na zona de meretrício de Chapecó fazer ponto. Maria, para conseguir tal objetivo, falou com sua mãe de que Roza iria apenas cuidar de uma casa na zona de meretrício, que desta forma a informante foi trabalhar na casa de Iara, no momento do inquérito, já estaria na casa de Iara há uma semana aproximadamente.

Estes lugares operam de uma maneira a atrair o cliente e manter as mulheres neste espaço, ou seja, são espaços de menor mobilidade se comparado à mais recorrente prática de *trottoir*, já que as mulheres ficam especificamente em um ponto, em contrapartida com a prostituta de rua, que pode circular pelas mais diversas ruas.

Para evitar que as mulheres saiam da casa, ou busquem outras casas de prostituição, por vezes os donos do estabelecimento usam de estratégias de coerção monetária ou física. Como fazia Iara, segundo Zoraia (Inquérito policial nº47/77, ano 1977), que trabalhou em sua casa de prostituição, quando Rosa quis sair da casa da Iara, esta quis impedir. Ela fazia isso com todas as mulheres que passavam por sua casa. Iara emprestava dinheiro e vendia roupas as mulheres, deixando-as endividadas e quando elas queriam ir embora Iara as impedia devido as dívidas. Zoraia também foi vítima de Iara, que inclusive batia nas mulheres que queriam ir embora da sua casa.

Na verdade, a liberdade é um dos motivos que muitas mulheres preferem se arriscar nas ruas, segundo Adriana Vieira (2010, p.150-151), muitas mulheres não se sujeitavam às explorações e controles dos prostíbulos, muitas também por desentendimentos com a cafetina.

## 2.2 A FAMÍLIA

A família para além de ser um espaço social de convivência dentro de uma casa (não a casa de prostituição) que não só é um círculo de convivência, mas também um instrumento, tanto usado pelas autoridades e pelos jornais, para exemplificar as ações imorais (muitas vezes se focando na questão familiar) como também pode ser usada como instrumentos de contorno, rotas de fuga, como denunciar a cafetina que abusa das jovens que trabalham para ela, ou para contornar a ação policial.

A família é o alvo dos jornais, que defendem a ideia de família nuclear e patriarcal, a polícia conta com a ajuda destas famílias para tentar apaziguar os números crescentes de prostitutas e prostíbulos na cidade, para encontrar e investigar os diversos lugares que concentram as meretrizes da cidade.

Mas estas não são as únicas famílias que entram neste jogo, afinal, as prostitutas, ao contrário do que os jornais insistem em afirmar, não são filhas da pobreza ou filhas de ninguém, mas sim possuem famílias, para além da casa de prostituição e da rua, ou seja, para além de sua profissão, a prostituta existe também como mulher, como filha, como

mãe, como trabalhadora (KRAEMER, 2012. p.124.). A família se encaixa nesta rede de relações de diversas maneiras.

No relato de Rosa à polícia, é revelado a função que a família teve para levá-la a prostituição, neste caso sua irmã, no mesmo inquérito, a família tem um papel protetor, que defende a filha presa dentro da zona, enquanto apoia os relatos da filha direciona a investigação à Iara.

Iraci e Francisco, mãe e irmão de Rosa e Maria, dão suas versões dos fatos, mais de um ano depois do depoimento de Rosa, divergindo um pouco em um ponto, enquanto a Mãe de Rosa não recorda de Iara ter ido até sua casa, mas seu filho a firma sua presença, os dois concordam que foi Iara que induziu Rosa a ir para a zona (Inquérito policial, nº47/77, ano 1977).

As famílias das prostitutas não necessariamente têm algo contra a profissão de suas filhas, a exemplo da família de *Toca*, sua mãe e irmã estão se encaminhando a sua casa quando a polícia chega ao local (Auto de Prisão em Flagrante. Nº87/75. Ano 1975).

A família é também o motivo para iniciar um negócio dentro da rede de prostituição. D. Nair, por exemplo, diz lançar mão do aluguel de quartos para sustentar seus quatro filhos que estudam no ginásio (Inquérito Policial, nº134/83. Ano 1983), a prostituição, sustenta toda uma rede de relações que vai para além de ligações diretas à prostituta, toda uma economia se forma ao redor desta prática, envolvendo os mais diversos serviços funções e profissões, estas relações continuam se modificando e se adaptando as novas tendências e tecnologias, sendo diferente em cada período (FÁVERI, 2010a, p21).

### 2.3 UMA OUTRA MOBILIDADE URBANA

A prostituta, trabalha em um espaço em constante movimento, não só isso ela se move dentro deste espaço e também transforma o mesmo, muitas adaptações nos diferentes, espaços são feitos a partir da presença da prostituta nos diferentes espaços de sociabilidade, com o objetivo de aproveitar sua presença nos mesmos.

O crescimento da cidade e a modernidade estão relacionados com a prostituição, processo de transformações urbanas influenciam e alteram a condição feminina (NONNENMACHER, 2010. P97). Além de que a cidade constantemente se urbaniza aumentando sua mobilidade já que por pressão de vizinhos, polícia ou até por conta própria precisariam se mudar (PEREIRA, 2010, p.88). Estas expulsões como também a

transferência da zona de prostituição, na verdade diversificam as relações e redes de prostituição.

Um bom exemplo disso é o caso de *Toca*, que ainda mantém o aluguel de quartos na *Zona Velha*, mesmo depois da mudança da zona para o bairro *Céu Azul* (Auto de prisão em flagrante, nº87/75, ano 1975), como também, segundo Vieira (2010, p.150) é o deslocamento da prostituição para os bairros, justamente devido as expulsões das ruas centrais e a não sujeição a zona *territorializada*, que possibilita a prática do *instante* em lugares inicialmente destinados à sociabilidade masculina, como bares.

Estes lugares são procurados pelas prostitutas, que ao invés de esperarem em suas ou nas ruas até que os homens aparecessem, optavam por frequentar estes espaços de sociabilidade (PEREIRA, 2010, p.89). A presença das prostitutas era benéfica para o bar, já que a presença da prostituta atraía maior fluxo de homens, que consumiriam e gerariam lucros para o bar. É por este motivo que os bares passam a adaptar quartos nos fundos do estabelecimento, como uma forma de gerar mais lucros, ou seja, este movimento é feito, devido a uma nova economia que surge com a presença da prostituta nestes espaços já existentes (VIEIRA, 2010, p.155).

Parece ser um paralelo difícil de trabalhar com Chapecó, já que, no exemplo mais concreto de um bar que possui estes quartos, o caso de Dona Nair, (Inquérito policial nº) embora more na residência a vinte e cinco anos, apenas a seis meses tinha um alvará para funcionamento de um bar, porém, este bar já havia sido criado com a intenção de alugar quartos para *instantes*, já que a mesma não esconde do delegado suas intenções, o delegado, diz que podia, com a condição de que não “incomodasse ninguém”.

Uma situação um pouco diferente, mas que não muda o fato, o espaço está sendo alterado com a presença da prostituição, na verdade, o bar ser criado já com o aluguel de quartos para encontros sexuais, mostra que esta nova economia, que só surge com a presença de prostitutas é lucrativa e acaba comprovando então que existe toda uma economia que surge, não apenas entorno da prostituição, mas também a partir dela formando uma *territorialidade do prazer* (RAGO, 2008, p.112).

Algo interessante de notar, é como existem um certo *nomadismo* das meretrizes, não apenas espacial, mas também em suas condições, que não são permanentes. Isso salta aos olhos no artigo de Ivonete Pereira, que fala sobre as “prostitutas em trânsito” (2010, p.90), identificando as mudanças constantes delas e códigos usados para driblar o poder policial.

Isso pode ser identificado em Chapecó, como um centro em crescimento,

fervilham oportunidades para o mercado do prazer, No depoimento de *Iara* (Inquérito policial nº47/77, ano 1977), ela diz que *Roza* “parou” em outras duas casa de prostituição e lá fez programas, neste inquérito, tanto *Roza*, quanto suam Irmã, não estavam mais em sua casa de prostituição, isso após um ano dos primeiros depoimento do inquérito. A irmã de *Roza*, neste momento encontrava-se em quilombo amigada a uma pessoa desconhecida por *Iara*. Obviamente, a o próprio afastamento das áreas centrais também contribui para sua situação de *nomadismo*.

Porém, mais interessante que as constantes mudanças geográficas, são as mudanças diárias da própria condição de prostituta, não só na questão de se é uma prostituta que transita entre as ruas da cidade ou se fica em uma casa de prostituição no bairro céu azul, mas sim em como ela é percebida socialmente.

No mesmo inquérito em que *Iara* é investigada (Inquérito policial nº47/77, ano 1977) aparece uma questão bem interessante, o uso de apelidos pelas prostitutas. No relato de Zenaide Lauriano, ela diz que não se recorda de *Roza*, pois provavelmente tinha um apelido, como muitas daquela casa tinham. O apelido serve como uma proteção de identidade, ou uma segunda identidade, como se existisse a identidade de mulher, e a de meretriz, uma deve ser protegida do estigma da outra. Afinal, como cita Venera(2010, p.128) elas sobrevivem na cidade e, fora do trabalho, são elas mesmas, desprovidas de máscaras da prostituta, sem a personagem, como qualquer outra mulher.

## 2.4 O OLHAR PELA FECHADURA

A prostituição é escondida, tanto tornada *invisível* pelo poder público, quanto por conta própria, para evitar cair nas teias do mesmo poder, desta maneira:

A escassez de estatísticas sobre o número de bordéis, casas de tolerância [...] prostitutas, caftens, caftinas, gigolôs e fregueses é eloquente, somos levados a pensar que as mulheres públicas nunca foram importantes para a sociedade, a não ser na função de garantir a ordem na desordem das paixões, sem muita publicidade. (RAGO, 2008 p.22)

Desta maneira é apenas no conflito com o poder que estes personagens podem aparecer, ter uma voz e entrar nos registros da história, é este conflito o momento que os permite atravessar o tempo (FOUCAULT, 1977, p.5)

Em qualquer cidade, em qualquer espaço em que estivesse presente a figura de uma prostituta, a polícia, como poder controlador e punitivo também se manifesta,

passando uma impressão de duas figuras, que mesmo sendo antagônicas, eram membros de um mesmo corpo, o que impossibilita sua separação (PEREIRA, 2010, p.91).

É a polícia que tem a função de regular o espaço e deter os transgressores da lei. Porém a polícia não consegue apenas por si só identificar todos os lugares onde as transgressões acontecem, sendo que muitos destes lugares funcionam escondidos dos olhos da lei. D. Nair por exemplo “alega que não é a única na cidade que lança mão de aluguel para casos amorosos pois conhece outros locais bem avista e que passam despercebidos (Inquérito Policial, nº134/83. Ano 1983)” e o jornal *Correio do sul*, em sua edição de 22 de outubro de 1977 chama a atenção para diversas boates improvisadas espalhadas pelo centro da cidade.

Mas não é por isso que a polícia não saiba que estes lugares existem, pelo contrário, afinal é a polícia, em sua própria prática como instituição reguladora que reúne a maior parte das informações, para isso se utilizam sistematicamente de denúncias, queixas, inquirições, relatórios, espionagem, interrogatórios. Tudo o que se diz por esses mecanismos, é registrado por escrito, se acumula, constitui dossiês e arquivos (FOUCAUT, 1977. p.8). Como é possível observar em matérias do jornal *Correio do Sul*:

“Umás denunciadas por esposas que acabam por descobrir onde seus maridos passavam até altas horas da madrugada, outras por vizinhas que aos poucos foram descobrindo a realidade dos fatos e quando menos esperavam, tinham ao lado de sua casa ou no mesmo prédio, verdadeiras casas noturnas[...]”  
(*Correio do Sul*, 22 de outubro de 1977).

Segundo Adriana Vieira (2010, p.159) A situação podia se agravar quando suas casas eram confundidas com casas de prostituição por homens atraídos ou guiados em busca dos “prazeres da noite” e até quando tirava a liberdade das filhas e esposas que já não podiam transitar pelas ruas do bairro com a segurança de outrora, já que o medo se ser associada de alguma maneira ao estigma da prostituição acarretava em uma série de constrangimentos e sanções sociais (VIEIRA, 2010, p.160-161).

Por isso estes lugares eram denunciados, pois certamente “[...]temiam a corrupção de suas filhas e maridos e a ‘desagregação da família’”. Esta situação poderia “propiciar que as jovens fossem seduzidas pela possibilidade de uma vida melhor por meio da prostituição ou ainda que seus maridos fossem seduzidos pelos encantos de alguma prostituta e abandonassem o lar” (VIEIRA, 2010, p.159). Esta visão existe provavelmente devido ao investimento social sobre a prostituição, como explica Margareth Rago (2008,

p.22) este investimento concentrou-se muito mais na construção de um fantasma, que perseguiu as mulheres por décadas.

Desta forma, podemos traçar um paralelo com o que foi identificado por Adriana Vieira em Criciúma durante o mesmo período (2010, p.160), a repressão à prostituição nos bairros funcionava com base estritamente popular, ou seja, os *olhos vigiantes* não eram da polícia que estaria rondando pelos bairros para manter a moralidade pública, mas sim os populares que utilizavam-se de mecanismos de controle como o isolamento social e abaixo-assinados para assim controlar a prostituição nos locais onde viviam. A polícia apenas agiria a partir destas denúncias.

No auto de prisão em flagrante (nº87/75, ano 1975) os policiais apenas faziam vistorias em bares da cidade, e apenas se dirigiram à casa de *Toca* devido a denúncias de assaltos que aconteceram na frente da casa, este deslocamento da polícia parece ser um caso como a situação descrita por Adriana Vieira (2010, p.157) onde, nos casos em que a polícia se desloca para estes lugares por conta própria, estes estariam ligados a furto, assassinatos ou conflitos entre moradores. Embora a situação encaixe muito bem na conjuntura geral chapecoense, e seja um paralelo aceitável, isso não explicaria este caso especificamente, pois não dá conta de esclarecer o motivo dos policiais estarem à paisana, como também não explica a contradição entre os depoimentos dos policiais. Já que (tal) diz que iriam investigar os “diversos assaltos de mulheres que aconteciam na frente da casa” e (tal) esclarece que iriam investigar o local por ser já uma conhecida casa de prostituição.

Para encontrar estes lugares a polícia, precisa fazer uso de algumas estratégias para localizá-los com precisão. Seguindo uma agenda prática sobre a prostituição, busca averiguar as denúncias, evidências e reclamações deixadas pela população local o mais rápido possível, como enfatizado no jornal *Correio do Sul*, “Sempre que as denúncias foram feitas e os locais apontados os policiais [...] souberam ir ao encontro e dar fim na folia” (Correio do Sul, 22 de outubro de 1977).

Porém estas ações são, por vezes, frustradas, justamente pelas estratégias de contorno à lei, afinal, conforme a rede entorno da prostituição aumenta e se diversifica, também se especializam e driblar a legislação (FÁVERI, 2010a, p.20). Os donos e frequentadores destes estabelecimentos conhecendo como funciona a ação policial que

[...]ao farejar a aproximação dos ‘homens da lei’ acabavam com a festança, e quando a polícia batia na porta, os que ainda se encontravam no local apenas conversavam como visitantes, afastando qualquer hipótese de que naqueles

mesmos locais, minutos antes, realizavam-se verdadeiros festivais dançantes (Correio do Sul, 22 de outubro de 1977, Arquivo do CEOM).

Os melhores exemplos das ações policiais e das denúncias não estão nos jornais, mas nos inquéritos, onde é averiguada a procedência de denúncias e até de abaixo-assinados. Como este que precede o inquérito de 1983 sendo delatada Dona Nair por seus vizinhos.

Nós abaixo-assinado declaramos, para os devidos fins, e a quem possa interessar, que temos conhecimento que a Sra. Nair Florão possui um imóvel situado próximo à esquina da rua Pará com Israel, no qual vem explorando um bar que serve de ponto de encontro para fins de prostituição, inclusive com locação de quartos para encontros amorosos. (Inquérito policial nº184/83 ano 1983)

Através destas denúncias a polícia é capaz de encontrar estes locais e abrir inquéritos para averiguar a ocorrência de algum crime, neste caso, a prática de lenocínio, prevista no Capítulo V do código penal, normalmente encaixando nos Artigos 230 e 229 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940<sup>5</sup>.

No entanto, esta caça aos *focos* de prostituição não acontecia de uma forma tão eficiente, dos inquéritos policiais, apenas um resulta em punição, e este é por desacato a autoridade. No inquérito nº 09/86 de 1986, o promotor de justiça João Alberto Correa, opina pelo arquivamento do inquérito, já que, as prostitutas (menores de idade) sabiam do que se tratava, o seja, sabia que iriam trabalhar como prostitutas. O promotor diz ainda que a prostituição “[...]é das mais antigas profissões da humanidade, sem que até agora se desse fim a mesma”. Esse discurso segundo Margareth Rago (2008, p.14) mais prejudica que ajuda, já que naturaliza um fenômeno que é cultural e histórico e não necessário e insolúvel. Dizer que a prostituição é a profissão mais antiga do mundo, é dizer que não apenas é algo natural, mas é transformar em um eco do passado, um ruído intocável por qualquer força física, algo que está em constante mudança.

Mesmo assim, a perseguição a estes lugares é real, afinal encontramos os inquéritos, se não existisse perseguição tais documentos não existiriam. Ivonete Pereira (2010, p.84) fala sobre a prostituição em Florianópolis que, mesmo não havendo uma regulamentação instituída e legalizada, havia na prática uma tentativa de controle sobre a

---

<sup>5</sup> Art. 229. Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente; Art. 230 - Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça.

forma de viver das prostitutas, ou seja, o controle pode existir mesmo sem uma série de regulamentações oficiais.

Através das absolvições, além das por suposta falta de provas, o mínimo que podemos notar aqui é que o judiciário e a polícia entram em contradição, enquanto a polícia faz sua função de identificar e investigar as boates clandestinas sob acusação de lenocínio, estes documentos por vezes não chegam a uma conclusão, servindo muito mais como uma advertência, como ocorrido com a *Toca*, que em seu depoimento (Auto de prisão em flagrante nº87/75, ano 1975) disse que já havia sido advertida, cerca de um ano antes, pelo próprio delegado de que não poderia mais alugar quartos para casais.

Não só isso, dos cinco documentos que analisamos, apenas um deles tem uma conclusão clara, que é o auto de prisão em flagrante, o único crime que chegou a ser punido, mesmo com acusações de lenocínio no Artigo 229 do código penal, motivo que nos leva a outro ponto, as relações com membros da polícia ou do judiciário podem ajudar com este tipo de situação. Afinal *Toca* (Auto de prisão em Flagrante, Nº 87/75), afirma que *quebraria o galho* com o Juiz de direito Córdova, sendo este o mesmo juiz que julga o caso dela, não o bastante, embora ela tenha sido condenada pelo crime de desacato, o inquérito é arquivado com uma carta enviada pelo próprio Córdova, criticando a maneira que foi tomada o inquérito “sem nenhum respeito com a pessoa humana”.

Em contrapartida aos estabelecimentos, ilegais ou não, a polícia é bem mais enérgica se tratando das prostitutas que se encontram circulando pelas ruas, detidas sob acusação de vadiagem. Como é possível observar nas ocorrências policiais do jornal *Diário do amanhã* “Na zona do baixo meretrício (Céu Azul), foram detidas por vadiagem, Salete R.M, Genira A, Rosali F, Glória ” (Diário da manhã, 15 de janeiro de 1980).

Nesses casos as garotas deveriam estar pelas ruas em busca de clientes, isso justificaria serem presas por vadiagem. Até o fato de expor o nome das mulheres demonstra uma tentativa da imprensa de exercer controle social através do constrangimento (KRAEMER, 2012. p.135 ). Enquanto isso, não é possível observar nenhum relato deste tipo em residências por exemplo, mesmo estes sendo potenciais espaços de sociabilidade e de circulação de prostitutas.

Ainda no *Diário da Manhã*, o relato da ação policial já citada, sob o título de “vadiagem” (Diário da manhã, Chapecó, quinta feira, 24 de janeiro de 1980) apenas nove dias depois da ocorrência na zona do meretrício. Neste trecho mais jovens são detidas pelas ruas, mostrando que a ação policial se relaciona com a prostituição de formas diferentes em diferentes espaços e dependendo da visibilidade da prostituta.

Algo interessante a se observar é a expressão usada para identificar as jovens, chamadas de *mariposas*, estes nomes não seriam apenas expressões populares que se referem a prostituição, mas seriam também códigos. Segundo Onice Sansonowicz (2010, p. 136) “A partir do momento que nomeia, metaforiza, desqualifica esse corpo e desqualificá-lo é submetê-lo ao olhar panóptico da lei, da sociedade, da medicina”.

Quanto a estas prisões efetuadas pelas ruas, não é possível saber quanto tempo elas ficam detidas na cadeia, podendo ser o tempo estipulado por lei<sup>6</sup>, sendo mais provável, no entanto, a situação citada por Ivonete Pereira (2010, p.83) falando sobre Florianópolis na primeira metade do século XX, diz que autoridades policiais e judiciárias acreditavam que “prender hoje e soltar amanhã” seria a melhor maneira de corrigir os *desajustados*.

A prática da prostituição, ao contrário do lenocínio, não é um crime, a polícia então faz o uso de uma estratégia bem recorrente, que se trata de interpretar o artigo 59 do Decreto de lei Nº 3.688, de e de outubro de 1941. Referente a vadiagem<sup>7</sup>. Podendo encaixar a prostituição nos Art. 59. Fazendo uso desta lei, eles conseguem encaixar a prostituição como uma profissão *ilícita* (NUCCI, Guilherme de Souza. 2012, p.169),.na verdade, a prisão das prostitutas, está realmente muito mais relacionada a uma questão moral do que a uma legal, Michel Foucault (2014, p.271) nos lembra de que a lei não é feita de todos para todos, e sim feita por um grupo e aplicada a outro, não possuindo as mesmas ideias dos que são julgados.

Foucault (2014, p.272) afirma que, a prisão se destina a produzir delinquência, e não a reduzir os crimes. Desta maneira, estabelecendo uma separação entre os delinquentes e as camadas populares, seria possível vigiar a população através de seus marginais, já que a vigilância é feita em nome de seu controle. Inclusive, observável na regulamentação da prostituição, inclusive as frequentes passagens de prostitutas pela polícia e frequente moralização, só são possíveis devido a produção da prostituição como delinquência (FOUCAULT, 2014, p.274).

A polícia e o poder público, na tentativa de fechar estes lugares, acabam por gerar uma situação inconveniente, aumentando a já preocupante quantia de prostitutas nas ruas e dificultando que estas possam exercer sua profissão com segurança. É isso que o poder

---

<sup>6</sup> Segundo o Artigo 59 do Decreto de lei Nº 3.688, de e de outubro de 1941. Referente a vadiagem, a pena é de prisão simples, variando de 15 dias a três meses.

<sup>7</sup> Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente a ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita.

público com o auxílio da polícia acaba fazendo com o fechamento das boates, gerando uma espécie de ciclo vicioso (RAGO, 2008, p.150).

Outra possibilidade, no entanto, é a simples migração de um local para outro, estes lugares aparentemente são escolhidos conforme a preferência da prostituta e/ou do cliente, como evidenciado por Iracema e Ivo, que alegam terem se encontrado e combinado ir para a casa de *Toca* (Auto de Prisão em Flagrante nº87/75, ano 1975), e não necessariamente a prostituta está ligada a eles por algum vínculo além de proximidade como o ponto de encontro, localização ou amizade com os donos do estabelecimento. É possível levar em conta ainda que estes lugares são simples casas e bares, podendo facilmente existir em qualquer lugar, se desfazer e reaparecer com tremenda facilidade.

Ou seja, o fechamento e expulsão de espaços de encontros, da mesma maneira que a criação de um espaço afastado e vigiado para a prostituição, ao invés de limitar estas práticas, a rede se amplia e diversifica-se, atingindo mais camadas sociais em espaços também diferentes e mais variados (VIEIRA, 2010, p.150).

Neste processo de caçar e fechar estes espaços de prostituição, em nenhum momento é levado em consideração a função social que estes lugares possuem, tanto para o cliente, denunciado pelo *trottoir* feito nas ruas (KRAEMER, 2012, p.136), quanto para as prostitutas já que enquanto nestes espaços não poderiam ser presas por vadiagem.

O fechamento destes espaços, cria um problema parecido com o que é gerado em São Paulo, deixaria muitas prostitutas desassistidas, que deveriam se submeter então ao sistema das casas de prostituição, e sem espaço em casas de prostituição, que como já visto tem uma tendência a serem seletivas, iriam se arriscar nas ruas, elevando ainda mais a quadro de prostitutas circulando pelas avenidas (RAGO, 2008. p.156), onde as mesmas seriam detidas por vadiagem, formando um ciclo vicioso.

Outra possibilidade ainda é característica do funcionamento destes lugares esse tipo de boate é tão difundido, que não faz muita diferença para as prostitutas se este lugar é fechado, pois para elas basta mudar o local que frequenta (aumenta número de putas por casa) e novas ainda podem surgir com a mesma facilidade ou até mais fácil (mais rápido que) de que a polícia pode fechar estes lugares, quem sai perdendo nestes casos, provavelmente seriam os donos destes estabelecimentos, que teriam que pagar multas e perderiam (ao menos temporariamente) esta fonte de renda.

Outra questão a se pensar é como se pode perseguir e fechar um lugar ou prender alguém que é de certa forma é aceito? Afinal a zona de prostituição foi transferida e não fechada, demolida ou extinta, apenas mudou de endereço. Essa diferenciação é a chave

que identifica o discurso dos espaços, pois a própria polícia funciona dentro destes padrões, segregando a periferia do centro, retirando o imoral do meio do respeitável, estas ações sendo legitimadas pela influência de imprensa, como acontece em Blumenau, onde é possível perceber através da pesquisa de Celso Kraemer (2012, p.134) que na década de 1960 os jornais veiculam o mesmo tipo de notícia que os de Chapecó nas décadas de 1970 e 1980.

Isso aconteceria se o judiciário e até certos membros da corporação policial não deixassem clara a contradição de pensamentos, pois nos inquéritos nenhum dos lugares é fechado e ninguém é processado.

Essa diferenciação é a chave que identifica o discurso dos espaços, pois a própria polícia funciona dentro destes padrões.

## 2.5. O CLIENTE: A BOMBA PULSANTE DE COMBUSTÍVEL

Algo que se percebe na maioria dos trabalhos que discorrem sobre a prostituição é a falta de um personagem muito importante, o cliente, não por falta de interesse, mas sim pela dificuldade de encontrar fontes que se debruçam em mostrar este personagem, principalmente de ordem judicial.

Segundo Marlene de Fáveri (2011, p.7) em uma relação prostitucional, cliente é aquele que paga para obter sexo, com o qual as prostitutas mantêm relações sexuais em troca de pagamento. O cliente raramente tem sua moral questionada pelo fato de que sair ao encontro de amantes. Segundo Fáveri (2010, p.40) “o cliente, quando é citado, é mera ilustração; dele não se fala, como se fosse natural que exerça sua masculinidade. [...] é visto como viril e como alguém que corresponde ao que se espera dele”, então por vezes este personagem é simplesmente ignorado, invisibilizado pelos inquéritos ou meios de comunicação, pois o crime moral da prostituição é aplicado exclusivamente a prostituta (KRAEMER,2012. p.136).

Raquel Venera (2010, p.124) usa do conto bíblico de Adão e Eva, para falar da condição da prostituta que também é mãe, acredito que o mesmo paralelo possa ser feito para definir a condição na relação prostitucional: Após provar do fruto, ou seja, cometer o pecado, Adão torna-se o provedor, enquanto Eva carrega a marca do pecado.

Isso não significa que ser pego em uma situação destas não manche a imagem de homem íntegro, do pai de família, por isso esta situação é evitada ao máximo pelos

próprios clientes, que por muitas vezes podem ser homens públicos. Por isso uma das maiores preocupações apontadas nos diversos trabalhos tem a ver com a visibilidade destes locais, segundo Fáveri (2010b, p.9-10) o mundo da prostituição é pensado e construído para o homem.

O inquérito nº 87/75 é especial por isso, o cliente não aparece por ser cliente, mas sim por ser testemunha de um crime, falar sua versão de um crime, esta é a função dele, não aparece como cliente, financiador da prostituição que é tão escorraçada no próprio inquérito, mas sim aparece como testemunha, não tendo cometido nenhum crime. Da mesma maneira que uma pessoa é registrada na história por cometer crimes, estes homens foram entraram para os *registros da história* como relatores, observadores de um crime cometido.

O depoimento do jogador de futebol e sua amante se complementam. Ivo de 32 anos, solteiro e morador da cidade de Seara-SC, é jogador de futebol profissional. No dia 19 de setembro de 1975, por volta das 20:00 horas, encontrou-se com Iracema, sua amante já a cerca de três meses, e convidou-a para se dirigirem até a casa de *Toca*, com a intenção de lá dormirem e manterem relações sexuais. Porém, após se despirem e antes que fosse consumado o coito vaginal foram surpreendidos pela chegada da polícia. Não só com Iracema mas que por várias outras vezes manteve relações sexuais com *Toca* na casa dela (Auto de prisão em flagrante, nº 87/75, ano 1975).

Sua amante Iracema Chagas, de 21 anos e residente de Chapecó confirma a versão, em seu depoimento diz que se encontrou com Ivo e após um passeio, os dois combinaram de se encontrar na casa de *Toca*. Os dois se dirigiram ao local por volta das 21:00 horas. Chegando lá pediram um quarto e foram deitar, após terem tirado toda a roupa, enquanto conversavam e se acariciavam alguém bateu à porta, depois de se vestirem descobriram de que se tratava da polícia.

A relação do jogador com Iracema pode parecer uma incógnita, pois em nenhum momento se fala em pagamento de valores, e a relação entre os dois tem uma duração relativamente longa, de três meses, relação esta, em que Ivo tem que se deslocar de Ceara até a cidade de Chapecó para entrar em contato com sua amante.

O policial João Manoel de Souza em seu depoimento diz que Iracema foi reconhecida como uma das prostitutas da cidade, agora, isso significa tanto um conhecimento policial sobre quem são as prostitutas que circulam pela cidade, ou foi um erro na expressão, onde na verdade assumiram de que Iracema se tratava de uma prostituta.

O interessante é tentar definir a relação entre estes dois personagens, pois mesmo que Iracema seja de fato uma prostituta, não necessariamente Ivo estaria pagando, pois como explica Marlene de Fáveri (2011, p.7), relações prostitucionais podem extrapolar sua dimensão puramente comercial, transformando-se em relações realmente afetivas onde o homem torna-se realmente um amante, um amigo ou um parceiro, retirando o fator comercial e monetário da relação entre estes indivíduos, desta maneira deixa de ser uma relação *tradicional* entre prostituta e cliente, passando para relação entre dois amantes reforçando estes espaços como espaços de sociabilidade(Espaço de sociabilidade).

No caso do viajante comercial Roberto R (Auto de prisão em flagrante, nº 87/75, ano 1975), com 38 anos, sendo casado e residindo na cidade de Porto Alegre, Rio grande do sul. Diz em seu depoimento que se encontrava por volta das 22:00 horas dentro da casa de uma mulher (*Toca*) onde foi a convite de uma “mulher” que havia conhecido minutos antes, em uma das ruas da cidade, tendo a mesma o convidado para ir até a casa de *Toca*, onde a dita “mulher” pretendia conversar com uma amiga. Roberto aceitou o convite, se dirigindo então para a casa de *Toca*. Ao chegar pediu se poderia ser servido de um aperitivo, prontamente, a dita “mulher” serviu-lhe uma cerveja. Neste momento chega na casa um casal o qual se recolheu para um dos quartos existentes na casa, somente então percebendo de que o recinto se tratava de uma casa de “PROSTITUIÇÃO” (Auto de prisão em flagrante, nº/75, ano 1975).

Existem vários elementos extremamente interessantes neste relato, mas antes de tudo devemos levar em conta que não se trata do mesmo escrivão, deste depoimento em diante o escrivão é outro, escreve de uma forma mais organizada e filtrando as palavras de uma maneira bem perceptível. Deixando o filtro de lado, trata-se de uma história bem interessante, que, como nas investigações dos policiais pretendem criar uma “ficção sobre o crime”, mas sim, livrar-se de uma culpa, não uma culpa judicial, mas sim moral, não querendo a imagem de ser um homem casado, provável “pai de família” que frequenta este tipo de lugar, sua versão dos fatos tenta mostrar o porquê de sua presença na casa.

Voltando a questão da linguagem presente no documento, toda a referência feita à meretriz, sempre aparece entre aspas a palavra “mulher”. O que pode ser uma forma que o escrivão encontrou de transcrever para o papel o que lhe era relatado., mas provavelmente foi uma intervenção direta do escrivão, fato que fica mais óbvio quando é referido da mesma forma não apenas a mulher que o acompanhava, mas também a dona da casa Eliza Pedroso. Interferência ou não fica claro como que a prostituta é reduzida

em sua condição de mulher, ela se torna uma incógnita, uma mulher que não age como é esperada de tal.

A significação das aspas na palavra “mulher”, quando se refere a prostituta se torna clara quando vemos o depoimento de Olga, uma “dita ‘mulher’” do depoimento de Roberto. Que quando cita que “encontrou um homem na Avenida Getúlio Vargas” não existe a presença das aspas, eliminando a possibilidade de ser apenas para identificar uma “indeterminada” pessoa.

O mesmo acontece com a palavra prostituição que é duplamente destacada, estando totalmente maiúscula e entre aspas, poderia denota um certo espanto por descobrir o local em que se encontra, ou um destaque, tentando afirmar o dito local como uma casa de prostituição na tentativa de enquadrar Eliza no crime de lenocínio.

Em nenhum dos dois casos aparece qualquer menção a valores estipulados pelas prostitutas para estabelecer uma relação sexual. Isso porque, um nega em seu relato não deixa claro o seu envolvimento com o local, ou se teve de fato uma relação sexual. Outro é tratado como um amante e a situação pode de fato não se tratar mais de uma relação entre uma prostituta e seu cliente.

Então por que são cientes? Pelo fato de que Ivo, admite que já teve relações sexuais com Eliza, provavelmente mediante a pagamento, e para estabelecer uma relação que não aconteça apenas mediante a pagamento, provavelmente Ivo foi cliente de Iracema, apenas posteriormente sua relação mudou de forma. Enquanto Roberto, relata uma história ambígua, não deixando mais que migalhas para entendê-lo como cliente.

É possível perceber como a posição do cliente é confortável, embora seja o agente provedor, que injeta o capital em toda esta rede de prostituição, (FÁVERIb, 2010 p.10). É possível perceber como os clientes apenas apareceram como testemunhas de um crime, provavelmente se não acontecesse a prisão em flagrante de Eliza Pedroso, estes personagens não teriam sido nem questionados, passando de forma invisível ao inquérito. Afinal, segundo Adriana Vieira (2010, p.166) o cliente acaba funcionando como um obstáculo, pois a polícia nunca poderia saber quem encontraria nestes locais, que tinham um público muito diverso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da cidade é um dos maiores fatores que influencia o afastamento da prostituição dos espaços públicos da cidade. Porém, este mesmo crescimento é o que inicialmente propicia o surgimento da prostituição, através da modificação da condição feminina e da maior circulação monetária. O crescimento do meio urbano também propicia a diversificação das práticas de prostituição, o aparecimento de variadas formas de prostituição possibilitando novas redes de sociabilidade.

Não só espaço influencia a rede de prostituição, mas a presença da prostituta altera a relação que anteriormente se tinha com estes espaços. A presença da prostituta propõe uma adaptação do espaço, para que este sustente uma relação duplamente benéfica, com que surjam novas economias, novas preocupações, novas relações e novas interações com o espaço, muitas vezes já existentes.

É desta forma e de maneira gradual que se montam as redes de relações, a partir da adaptação e mutação de espaços já existentes, e da criação de novos espaços, em uma relação benéfica tanto para estabelecimentos quanto para prostitutas, é a partir do surgimento desta rede e desta economia que se instauram a vigilância e o controle sobre a prostituta e seus espaços de *ser* e de trabalhar.

Este controle, esta vigilância, nem sempre instituída de uma forma oficial, ou nem mesmo por oficiais, entram neste jogo de relações, o afastamento, o confinamento da prostituição, na tentativa de esconder a prostituição, acabam por fazer com que está se torne ainda mais diversa, que atinja camadas que antes não alcançaria.

A prostituição não cria novas conjunturas, ela adapta uma conjuntura econômica e social já existentes. A exemplo da sociedade estudada, onde as relações são mediatizadas pela troca monetária, e a sobrevivência se dá por esta troca, a prostituição apenas se adapta a conjuntura existente, a prostituta vende sexo a homens que estão presos a uma só mulher por valores sociais, legais e religiosos.

Nesta linha, a prostituição no geral age como um grande agente denunciante dos problemas sociais, embora uma denúncia velada, escondida, e apenas por vezes percebida, denuncia os problemas de maneira clara, a pobreza, a monetarização do corpo, o preconceito contra transexuais, a pedofilia, é justamente por isso que tentam escondê-la, esconder a prostituição é esconder a existência destes problemas.

O problema da presença da prostituição na cidade, como foi visto em Chapecó, não é que esta seja rejeitada como um todo, pelo contrário, é vista como um mal

necessário, porém é algo que deve ser escondido, velado, longe de pessoas de boa índole, a prostituta vira problema quando fora de seu espaço designado, quando circulam pela Avenida Getúlio Vargas, quando os vizinhos reclamam.

Um movimento interessante que foi possível perceber com esta pesquisa é a capacidade de adaptação das redes de prostituição e seu caráter transformador, modificando relações tanto sociais como econômicas, sustentando famílias através de uma economia própria que escapa do comércio tradicional. As relações são mais variadas, menos previsíveis, a exemplo da polícia que fecha casas de prostituição é por vezes a mesma que permitiu a existência deste lugar.

As relações também são muito mais dinâmicas, saindo de uma noção de prostituta como vítima, sendo economicamente forçada a trabalhar como prostituta, não negando que isso aconteça em Chapecó, apenas que não é a única realidade, e entrando em um mundo mais dinâmico, não só de sofrimento, mas também de possibilidades, onde existem possibilidades de maior ganho econômico. Como visto, a cafetina a zona de prostituição, o Bairro Céu Azul, são apenas alguns elementos da prostituição em Chapecó.

Embora elementos reais, não dão conta de explicar toda a diversidade que existe nesta rede em constante mutação e relação com a sociedade de seu tempo. Sendo assim, seria reduzir a complexidade de uma forma de organização econômica e social que ainda persiste e segue se adequando a novos públicos e incorporando novas tecnologias. Seria também retirar todo o caráter transformador deste elemento, que como vimos afeta direta e indiretamente a vida na cidade, nos locais onde sua presença é percebida, afinal, estas redes são formadas não por lugares, mas por pessoas, pessoas que tem a capacidade e potência para mudar o seu meio.

**FONTES**

Correio do Sul, 10 de dezembro de 1977

Correio do Sul, dia 10 de setembro de 1977

Diário da Manhã, Chapecó, 24 de janeiro de 1980

Diário da Manhã, terça-feira, 15 de janeiro de 1980, nº67.

Folha D'Oeste, 7 de fevereiro de 1970, Ed. 233

Folha D'Oeste, 8 de Setembro, 1973. Ed.442

Folha D'Oeste, 8 de Setembro, 1973. Ed.442

Auto de prisão em Flagrante, Nº 87/75, Escrivão: Mario Lucio Fernandes, 1975, -Arquivos do CEOM.

Inquérito Policial Nº 047/77, 1977. Arquivos do CEOM.

Inquérito Policial Nº 090/86. 1986, Arquivos do CEOM

Inquérito Policial Nº 417/85, Escrivã: Maria de Lourdes 1985, Arquivos do CEOM

Inquérito Policial, Nº 134/83, escrivã: Maria de Lourdes (ad-hoc) 1983, Arquivos do CEOM

## REFERÊNCIAS

- ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano**: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2013.
- FÁVERI, Marlene. As Piriguetes de Floripa- práticas contemporâneas de propagandas de sexo pago. *In*: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine; PEDRO, Joana (Org). **Prostituição em áreas urbanas**: Histórias do tempo presente. Florianópolis, Editora UDESC, 2010.
- FÁVERI, Marlene de. **Mercado do sexo e códigos urbanos no tempo presente**. 2011. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 05 de fevereiro 2016.
- FÁVERI, Marlene de. "**Venha trocar o óleo**": propagandas de sexo pago no horário diurno em Florianópolis(SC).. 2010. Congresso fazendo gênero 9. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#M>>. Acesso em: 21 de Outubro 2015.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p.203-222.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I** A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: O nascimento da prisão. Petrópolis, Editora Vozes, 2015
- FUJITA,Camila. Chapecó: estrutura e dinâmica de uma cidade média no oeste Catarinense. **Geo UERJ**, Ano 15, v 1, nº. 24, v. 1, p. 312-338, p. 312-338, 2013.
- GRINBERG, Keila, A história nos porões dos arquivos judiciais, *in*: PINSKY, Carla (org). **O historiador e suas fontes**. São Paulo. Contexto, 2012.
- HASS, Mônica; ALDANA, Myriam; BADALOTTI, Rosana Maria. **Os planos diretores e os limites de uma gestão urbana democrática**: as experiências de Chapecó, Xanxerê e Concórdia (SC). Chapecó, Argos, 2010.
- KRAEMER, Celso, Subjetividade e prostituição: Poder-Prazer no capitalismo. SILVA, Carla; KRAEMER, Celso. **Corpos Plurais**: experiências possíveis, Blumenau/Blumenau, Liquidificador produtos culturais, 2012, p.123-163
- NASCIMENTO, Enderson; MATIAS, Lindon Fonseca. Expansão urbana e desigualdade socioespacial: Uma análise da cidade de ponta grossa (PR). **RA´E GA**, nº 23, p. 65-97, 2011.

NONNENMACHER, Marilange. Conselheiro Mafra: a alma de uma rua chamada ‘pecado’, *In*: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine; PEDRO, Joana (Org). **Prostituição em áreas urbanas**: Histórias do tempo presente. Florianópolis, Editora UDESC, 2010.

PEDRO, Joana. Vender o corpo, vender o sexo – serviços sexuais e trabalhadoras/es do sexo: uma apresentação. *In*: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine; PEDRO, Joana (Org). **Prostituição em áreas urbanas**: Histórias do tempo presente. Florianópolis, Editora UDESC, 2010.

PEREIRA, Ivonete. No vaivém da vida: prostitutas em “trânsito” -Florianópolis (1900/1940) *In*: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine; PEDRO, Joana (Org). **Prostituição em áreas urbanas**: Histórias do tempo presente. Florianópolis, Editora UDESC, 2010.

PETROLI, Francimar Ilha, **Um “desejo de cidade”, um “desejo de modernidade”** (Chapecó, 1931-1945). Florianópolis, abril de 2008. 171.p. Dissertação. UFSC.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**: A Utopia da sociedade disciplinar (1890-1930), São Paulo, Paz e Terra, 2012.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da noite**: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1830-1930).São Paulo . Paz e Terra. 2008.

SANSONOWICZ, Onice. Dona Josefa mudou-se. Aqui mora família – códigos e práticas da prostituição em Itajaí (SC) nas décadas de 1950 a 1980 *In*: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine; PEDRO, Joana (Org). **Prostituição em áreas urbanas**: Histórias do tempo presente. Florianópolis, Editora UDESC, 2010.

SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

VENERA, Raquel. A Cidade das Camélias e as Camélias na cidade. *In*: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine; PEDRO, Joana (Org). **Prostituição em áreas urbanas**: Histórias do tempo presente. Florianópolis, Editora UDESC, 2010.

VIEIRA, Adriana. Retirar as ‘ervas daninhas’ para não comprometer o ‘jardim’ – o discurso dos populares sobre a prática da prostituição em Criciúma-SC (1970 - 1980).*In*: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine; PEDRO, Joana (Org). **Prostituição em áreas urbanas**: Histórias do tempo presente. Florianópolis, Editora UDESC, 2010.

VITORIA, Fernando Antonio **De “Velho Xapecó” a “Polo formador de polos”**: A construção discursiva da “Capital do Oeste”. Florianópolis, fevereiro de 2011. 156.p. Dissertação. UFSC.